

## O LUZEIRO

Revista Mensal publicada pela  
Editora "O LUZEIRO" Ltda.

### SUPERVISOR:

Prof. H. J. Souza

### DIRETOR RESPONSÁVEL:

Eng. Clovis Bradaschia

### REDATOR-CHEFE

Dr. Ermelino J. Pugliese

### GERENTE:

Eng. G. E. Malschitzky

### SECRETARIO:

Dr. Guedes Pereira

### TESOUREIRO:

Luiz Boschetti

As opiniões emitidas em artigos assinados  
são de responsabilidade dos autores.



## SUMARIO

Fim de Ciclo.  
O Martirio dos Mestres.  
Aulas Teosóficas  
O Tumulo de Julieta.  
As Sete Rosas Que Ornam a  
Régia Corôa de S. Lourenço.  
A Favor da Paz Universal.  
Pela Frente Única Espiritualista.  
Regulamento Geral e Tomario da  
Sexta Convenção Nacional da S.T.B.  
Ainda "Relembrando o Passado"  
Mensagem de Natal.  
Preciosas Lembranças.  
Hino Nacional Brasileiro: Versão  
Italiana e Versão Francesa.

É permitida a transcrição parcial ou total  
dos artigos, deste periódico, desde que  
citada a sua origem

## SUPLEMENTO DA REVISTA "DHÂRANÂ"

REDAÇÃO: Rua da Liberdade, 47 - 1.º andar — Fone: 35-2785 — SÃO PAULO - BRASIL

# FIM DE CICLO

LAURENTUS

*"Quando ouvirdes rumores de guerra, não vos assusteis, porque é preciso que tudo isso aconteça. Levantai-se-á nação contra nação e reino contra reino. E haverá fome, peste e terremotos, em vários lugares. Mas todas essas coisas são apenas o começo das dores. E depois da aflição daqueles dias, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem" (Palavras de Jesus).*

Tais palavras proferidas por Jesus, além de outras mais, onde se incluem «os falsos messias e profetas», são idênticas às das Profecias do Rei do Mundo, do mesmo modo que do mais antigo Livro oriental, que é o VISHNU-PURANA, por nós tantas vezes citadas, inclusive em Mensagens, conferências públicas, em nosso órgão social — a revista Dhâranâ — do mesmo modo que em VERITAS e em O LUZEIRO (1). Sim, tôdas elas para provarem os SINAIS DOS TEMPOS, para não dizer desde logo. O FIM DE UM CICLO APODRECIDO E GASTO PARA O ALVORECER DE UM OUTRO PORTADOR DE MELHORES DIAS PARA O MUNDO. Não é outra a razão do «Movimento cultural-espiritualista» em que está empenhada a Sociedade Teosófica Brasileira.

Em VERITAS, n.º 9, de fevereiro deste ano, foi publicado um artigo de H. J. Souza, Presidente cultural e espiritual da mesma Instituição, defendendo o referido MOVIMENTO contra «os falsos messias e profetas», mas, também, pseudo-«swamis», cujas pregações e promessas, completamente em desacôrdo com a Verdade, prejudicam enormemente o nosso Trabalho de mais de vinte e nove anos de lutas e sacrifícios inconcebíveis. Entre tais falsos profetas, inclui-se um, que era chefe de uma «ordem» martinista do Uruguai, já dissolvida, e que esteve em nossa Sociedade, onde muito aprendeu, inclusive as expressões «Missão Y» e «Spes messis in semine», que agora repete sem dizer a sua origem, e que já vinham sendo apregoadas pela Sociedade Teosófica Brasileira, desde 1924, como fartamente

poderá ser verificado em seu órgão oficial, a revista Dhâranâ, desde seus primeiros números, além de em muitas outras publicações.

Por outro lado, não podemos compreender como as religiões e demais facções do Néo-espiritualismo, assistem de braços cruzados a destruição dessa mesma Humanidade, pela qual cada uma delas promete trabalhar. E, em nome de um Deus, que não poderia, absolutamente, contradizer a sua própria Vontade!... Não foi por outra razão que, logo no início de nosso Movimento, procuramos lançar a idéia de uma FRENTE ÚNICA ESPIRITUALISTA, que até hoje não atendida por semelhantes Instituições e Igrejas, preferindo elas o mais fácil, que é a teoria, deixando de lado a prática. Em relação aos próprios Países do Mundo (a S.T.B. é filiada à ONU) lançamos o solucionador «slogan»: UM SÓ IDIOMA, UM SÓ PADRÃO MONETARIO, UMA FRENTE ÚNICA ESPIRITUALISTA. «Vox clamantis in deserto», pois ninguém quiz dar ouvido aos nossos reiterados apelos a favor da PAZ UNIVERSAL, que é o mesmo AMOR que dedicava o Meigo Nazareno à tôdas as criaturas, para não citar os demais Iniciados que a este mundo vieram.

Jamais deixaremos de prestar homenagem à S.S. o Papa Pio X, pelo seu gesto altamente cristão, quando da Conflagração de 1914, de lançar uma Encíclica, pedindo a todos os Chefes das Religiões existentes no mundo, «que supplicassem ao Deus Único de tôdas elas, para que fizesse cessar a guerra entre os homens». E, como tal «Súplica», não fosse ou pudesse ser ouvida, fez êle ciência ao mundo que, imitando a Jesus, do qual era seu Pastor, «iria ao front, acompanhado dos seus apóstolos (os cardiais) para morrer pelo mundo», na esperança talvez de que os beligerantes, respeitando seu gesto de «santo e mártir», que nenhum outro jamais o tivera, por meio «de um armistício, realizassem um tratado de Paz entre si»... Do mesmo modo, «Vox clamantis in

deserto». Pior que isto, no dia seguinte ao de semelhante resolução a favor da Paz Universal, Pio X amanhecia morto.

O coração daquele santo e justo HOMEM, deixara de pulsar, sabe Deus de que maneira!... «Um traumatismo moral», diria Rui Barbosa, por ter sido o primeiro que aplicou o termo.

Quem nos pode garantir, entretanto, que o Papa atual por quem temos verdadeira veneração — (havendo motivos bastantes para isso) — não desejaria imitar o gesto do santo e mártir Pio X (êle como Pio XII)! Mas... as possibilidades lhe fogem, como a vida, que nele mesmo se vai apagando, qual acontece ao autor dêste humilde trabalho!...

«Amai-vos uns aos outros», ensinou Aquele Sêr que serve de Padrão espiritual a quantos se dizem «Cristãos». Mas o fato é que os homens cada vez mais se odeiam!

E assim... os ritos continuam — com a ostentação do costume, tal como um De profundis recitado sobre a mortalha rubra, que se estende em diversas partes do mundo. Mas em breve muitos terão que se penitenciar, dizendo: «Mea culpa, mea culpa, mea máxima culpa»...

Que importa que o mundo venha a ser destruído, contanto que o futebol continue (talvez que no outro mundo), sustentando as suas «animalescas» partidas, pois o que se passa nos «campos» demonstra a educação de cada um, sem falar nos que dali saem a caminho dos hospitais, depois dos primeiros socorros... Do mesmo modo, o carnaval ou «vale a carne», espetro fatal das saturnais e bacanais de outrora; os vícios, os crimes, os suicídios, a prostituição, que campeiam desenfreadamente; os primórdios acariciadores dos «banhos de mar», nas praias fagueiras. Estas mesmas «praias» que não sabem o destino que as espera, mas o mar quando se enraivece, as batiza com a enxurrada imunda dos canos de esgôto, valor equivalente aos atos que nas mesmas se praticam... E que dizer da exploração de um Povo que acredita em Promessas retumbantes, que logo se desfazem como «castelos de cartas» desmanchados com o vento? E daí, a «Ronda fatal dos quatro Cavaleiros apocalípticos: DOMÍNIO, GUERRA, FOME e PESTE!

Sim, cumpramos nosso dever espiritual de lançar mais um Aviso aos homens desprezados, deixando de lado as razões nada democráticas, que nos não permitem dizer as cousas às claras, tal como ordena a própria Divindade, que é Lei bem certa, pois que a tudo e a todos rége com a devida JUSTIÇA! Esta, sim, que com a da Terra não se confunde.

O ano de 1956 será o do Julgamento Humano! Bem poucos saberão, entretanto, donde o mesmo virá, se debaixo ou de cima, dos lados, de que misterioso Lugar da Terra se manifestará! Será a hora de «separar o bom trigo do Joio», como disse o mesmo Jesus na mais formal de tôdas as «Promessas». Antes disso, porém, cada qual que escolha o Caminho que lhe ditar a Consciência, mas sem confundir o «Ilusório com o Real, as Trevas com a Luz e a Morte com a Imortalidade»!... O ano 1960, por sua vez, realizará «a ameaça que há milênios perdura no seio da PEDRA DA GAVEA. Uma espécie do MANE-THECEL-PHARES do Festim de Baltazar, hoje, transformado no FESTIM DE UM FIM DE CICLO APODECIDO E GASTO» (2).

Enquanto isso, continuam as experiências das Bombas atômicas e hidrogênicas, destruindo a anatomia dos

homens e do Globo onde êles vivem!...

«Prove porém, o que diz, seu Teósofo fantasioso», dirão alguns que não admitem que se lhes retire do letargo amargurado em que vivem. Qualquer Homem, que saiba raciocinar, responderia por nós, dêste modo: Mal se deu a explosão de uma Bomba de hidrogênio, uma ilha desapareceu no Pacífico. O fenômeno foi anunciado, pela imprensa. «Sim! que sucesso! Que maravilha! Amanhã liquidaremos o inimigo em poucas horas!» E isto, sem se lembrarem que a si mesmos e ao resto do mundo... desde já estão destruindo! As consequências da referida explosão não se fizeram tardar: «A Holanda foi quase tragada pelo mar, que avançou mais de um quilômetro pela terra a dentro. Milhares de vítimas! anunciou essa mesma imprensa. No Mar do Norte ilhas inteiras ficaram submersas sob vagalhões, que arrasaram casas e afundaram navios. O Tamisa saiu de seu leito, inundando Londres. A Bélgica e a França foram seriamente castigadas». E a mesma imprensa completou: «Há mais de 1.600 anos que não se constataria fenômeno idêntico».

Enquanto isso, os cientistas ingleses — na maior das ingenuidades — para não dar outro nome — afirmam «que a grande catástrofe foi devida ao «eclipse da Lua». Vê-se bem quem «são os aluados!» pois desde o começo do mundo que os eclipses se repetem, e nunca houve fenômeno idêntico, e sim por motivos bem diferentes... E isto, até que os homens — em Harmonia com a Divindade, que é o mesmo que estar em Harmonia com a Natureza — deixem de praticar atentados francamente satânicos contra aquela mesma Divindade. Palavras mais ou menos semelhantes já foram ditas pelo Presidente da STB em uma sua Palestra pelo rádio: «Quando o homem chegar a dominar-se conscientemente, dominará também a Natureza, porque conhecendo e obedecendo às suas leis (quem faz experiências com a energia nuclear está bem longe de conhecer até que ponto vai o seu poder, tanto favorável como desfavorável ao mundo e aos seres que nele habitam...), a Natureza — escrava e submissa — obedecerá às suas ordens. Porém, enquanto imperar o egoísmo entre os homens, os elementos transbordados, serão tão caprichosos e cruéis como a natureza humana».

Por sua vez, uma notícia que nos vem de Tokio, diz que, «Hiroshima depois de sete anos da primeira explosão da Bomba atômica — ainda continua radioativa».

Já tivemos ocasião, por mais de uma vez, de publicar a terrível estatística das vítimas dessa mesma explosão: «Mil e duzentos médicos e enfermeiros morreram. O terreno revolvido em grandes profundidades, nada mais produziu até agora. As crianças que sobreviveram, ficaram até hoje do mesmo tamanho. Inúmeras outras tiveram os ossos rachados de cima à baixo... Vultoso número de homens e mulheres ficaram estêreis, para contradizer a divina sentença do «Crescei e Multiplicai-vos»...

Os descobridores da Bomba atômica foram os primeiros a escrever um livro que é um verdadeiro libelo contra aqueles que dela fazem uso. Nele provam os gravíssimos perigos a que está exposto o Globo terrestre.

Já agora é o próprio povo carioca (e todos os jornais o anunciam), «que acorre para a Avenida Atlântica para apreciar a «ressaca», cujas ondás se elevam a mais dez metros de altura», o que talvez não possa fazer com uma outra mais séria!...

Por felicidade «os cientistas ingleses», aqui não

(CONCLUE NA PAG. SEGUINTE)

# O MARTIRIO DOS MESTRES

(Para «O LUZEIRO», de S. Paulo  
e «Veritas», de São Lourenço)

Eugenio Proclam Marins, membro da S.T.B.

Na longa viagem através a iniciação há, muitas vezes, noites tenebrosas. No conflito íntimo das polaridades opostas existentes em todos os seres e, portanto, nos discípulos, também, há vitórias passageiras dos dois lados. Até o término da méta, é possível que a polaridade negra, o lado diabólico da personalidade, procure firmar-se num terreno que, em última análise, lhe é mais propício. Esta vitória tática, ora passageira, ora com o perigo de se transformar numa vitória total, levando ao fracasso o discípulo, tem as suas características próprias, os seus próprios sinais. Mas quer venha o desânimo pela falta de confiança ou de fé, quer se levante tumultuosa a rebeldia, o que sempre está presente é a revolta contra o Mestre. E' o eterno drama da criatura contra o creador. O elemento vital, cheio de paixões e desejos proibidos, insinua no subconsciente do discípulo, sub-repticiamente, através de um processo nebuloso da mente instintiva, dúvidas e falsos conceitos orientados no sentido de afastar definitivamente do plano infernal da personalidade, a luz da iluminação interior, da sabedoria que só poderá advir do Mestre. O Mestre então é posto no pelourinho e os seus atos humanos são julgados. E' comparado com outros Mes-

tres com quem os discípulos jamais tiveram contato algum, resultando da comparação uma posição pouca lisongeira para o seu próprio salvador. Mestre tal não procederia de tal ou qual forma; Mestre fulano era mais sábio, mais virtuoso. E vem a sentença que, quase sempre, tal seja o coração do discípulo, é reformada na mesma instância, após melhor reflexão e exame. Desgraçadamente, porém, também acontece que a sentença passa em julgado e o Mestre é odiado. Ah! o triste destino dos que do inferno querem arrebatar o que era do céu! Então quando tudo se refere à «Eterna Vítima»... «por que os Adeptos o veneram? Então, não percebem que muitas vezes êle erra? Porque sempre o apoiam, sempre o consolam, sempre censuram os que o rodeiam?»

Não fôra Êle a Eterna Vítima! Não fôra a Obra de Salvação exclusivamente sua! Não se precipitasse Êle, com Seu próprio sacrifício, nos tremedais dos abismos em que se perderam os que O rodeavam e que Lhe eram caros! Eles, sempre eles, subindo e descendo sem o abandono do Mestre, arrastando-O nas grandes dôres e nas grandes alegrias!

«Sempre os mesmos... nas grandes vitórias e nas grandes tragédias! Sempre os mesmos!...

Isto não explicará tudo? Estas são palavras obscuras para os que não me entendem. Para alguns poucos que, embora me entendam, enganam-se a si próprios, certamente dirão: «Eis algumas palavras encomendadas». A estes, apenas respondo que lhes presto um terrível serviço: relembro-lhes e afirmo-lhes uma implacável verdade em face da consciência.

## Fim de Ciclo

estão para afirmar que é um fenômeno produzido por outra eclipse (que não houve). Muito mais, em se tratando de um abalo tão tremendo, que vai repercutir nas «entranhas da Terra»! Já não bastassem as experiências, que, por sua vez (e bem poucos o sabem) a Rússia faz no Deserto de Gobi... para completar a Tragédia Final de um ciclo agonizante...

O fato é que, sem querermos ser «profetas», mas apenas um Homem que sabe raciocinar — como alguns outros no mundo — as terríveis catástrofes que aí vêm em caminho, serão capazes de obrigar os homens a pensar de outra maneira... «Mesmo assim, quem nos pode garantir se semelhante «medida» ainda chegará a tempo, ou, ao contrário, como aconteceu na Atlântida, dois terços do mundo serão tragados pelas águas oceânicas?...

E não se diga que «estamos no fim de um ciclo apodrecido e gasto»!

(1) VERITAS, jornal editado na cidade de S. Lourenço, assim como este mesmo periódico, é de membros da Sociedade Teosófica Brasileira (nota da redação).

(2) Em relação ao Festim de Baltazar, que tem hoje a sua imitação, o apóstolo de Patmos teve ocasião de dizer: «Os homens beberam do vinho da sua impudicícia. E os reis da Terra se prostituíram com ela». Confere com a época atual!

O interessante é que, quem deu o primeiro AVISO "marítimo" foi a ILHA DE ITAPARICA, como "Berço da civilização brasileira", e também, da nossa Obra, pois foi dali que partiram para Índia, tocando primeiro em Lisboa, os seus Dois Fundadores. De fato, "o mar ergueu-se, e quando baixou, ficaram "nas areias daquela ilha", vestígios, para bem dizer, atlantes: estatuetas, colunatas, uma pedra com inscrição", como foi anunciado pelo próprio rádio no mês de Janeiro p. passado (O Autor).

★

A SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA e a ORDEM DO SANTO GRAAL, são Instituições que se completam: a primeira trabalha pelo bem da Humanidade e a segunda premia, por meio de condecorações de alto valor, aqueles que fazem a mesma cousa pelo Mundo, embora que não pertençam às suas Illetras.

★

A Sociedade Teosófica Brasileira, com sede e fóro em S. Lourenço, é considerada de utilidade pública.

★

Este periódico é de membros da  
SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA

# AULAS TEOSÓFICAS

(Sob os auspícios do Departamento  
de Correspondência da S. T. B.)

De acôrdo com o que prometemos anteriormente, (vide n.º 15) vamos iniciar hoje a divulgação dos ensinamentos teosóficos os quais, como já tivemos ocasião de dizer, destinam-se aos simpatizantes do movimento espiritualista que se processa no Universo, tendo como centro irradiador São Lourenço, verdadeira Capital Espiritual do Mundo.

## AULA N.º 1

A iniciação tem uma dupla finalidade — de conduzir o ser aos mundos do conhecimento superior, e, uma vez lá chegados, trazê-lo de volta, consciente, para uma ação pronta, justa e eficiente em favor dos irmãos menores da humanidade, que não tenham ainda atingido o estado de ansiosa busca do caminho evolutivo.

O só fato de terdes despertado para a leitura destas aulas demonstra que estais preparado para iniciar a jornada. Por nosso lado, apresentaremos ao vosso entendimento o vasto panorama da vida, do Uno à sua multiplicidade, tal como é êle encarado pela Teosofia, de modo genérico, e como é interpretado pela SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA, que o apresenta da maneira mais adequada à atual época, como Escola Iniciática no Ocidente. Assim, chegareis, com a mente esclarecida pelos conhecimentos indispensáveis e práticas especializadas que disciplinam os veículos humanos e os equilibram num funcionamento harmônico, ao momento em que, no polido espelho de vossa consciência, se manifeste a Verdade em tôda sua pujança e maravilhoso esplendor.

Analisadas as circunstâncias que determinam e caracterizam a vida no cosmos — identificadas as diversas retas do caminho da evolução, através dos universos e até o menor dos átomos — tereis desvelado os segredos da existência humana e suas vicissitudes, nêsse complexíssimo mecanismo, tão desconhecido ainda de nossa cultura ocidental.

Mas, para a tanto chegardes, mistér se faz que, desde os primeiros passos nessa árdua vereda, saibais conciliar as duas doutrinas: a do conhecimento e a do coração, conhecidas, no Oriente, pelos nomes de **Jnana** e **Bakti**: a que conhece e a que sente.

Ao discípulo compete, pois, conhecê-las, distingui-las e realizá-las num equilíbrio permanente e cuidadoso. Isto abreviará consideravelmente as etapas necessárias para que em sua consciência de vigília se manifeste o Eu interior, numa autêntica fusão, que traz consigo a primeira **iluminação**.

Sobre tôdas essas coisas serão encaminhadas as aulas, lenta e gradativamente, para que o tumulto de idéias e práticas mais ou menos desconhecidas da maioria, não leve o discípulo ao desânimo, que faz com que os obstáculos se apresentem como intransponíveis.

Não julgueis, entretanto, que, pelo simples fato de apontarmos dois caminhos a vossos alvoroçados passos de iniciantes, devais permanecer atônitos sem saberdes bem para que lado vos encaminhareis; são tão entrelaçados que levareis muito tempo sem os distinguir bem. Nem tão pouco julgueis, os mais otimistas de vós, que será fácil percorrê-los, visto serem só dois os caminhos.

São dois os grandes rumos gerais, mas encerram inumeráveis atalhos e ramificações como as tem uma frondosa e vetusta árvore — a eterna Árvore da Vida.

E é assim que nos utilizamos das próprias palavras de H. P. Blavatsky para definir o termo:

«**TEOSOFIA** (excerto do Glosário Teosófico, de H. P. Blavatsky) — E' o substrato e a base de tôdas as religiões e filosofias do mundo, ensinadas e praticadas por uns poucos eleitos desde que o homem se converteu num ser pensante. Sob o ponto de vista prático, a Teosofia é puramente ética divina. Teosofia significa Sabedoria universal, Sabedoria que representa a verdade interna, oculta e espiritual que sustém tôdas as formas externas da religião, e seu pensamento fundamental é a crença de que o Universo é, em sua essência, espiritual; que o homem é um ser espiritual em estado de evolução e desenvolvimento, e que a humanidade pode progredir no caminho da evolução por meio de exercícios físicos, mentais e espirituais adequados, fazendo-a desabrochar faculdades e poderes que a farão capaz de transpor o véu externo que se chama matéria e entrar em relação consciente com a Realidade fundamental. A grande idéia que serve de fundamento à Teosofia é a Fraternidade Universal, e esta se baseia na unidade espiritual do homem. A Teosofia tem sido reconhecida com diversos nomes de igual significado, tais como Brahma-vidya (Sabedoria divina), Para-vidya (Sabedoria suprema), etc. A Teosofia se apresenta, ademais, como base da filosofia da vida, porque possui vastíssimos conhecimentos sobre as grandes Hierarquias que enchem o espaço; dos agentes visíveis e invisíveis que nos rodeiam; da evolução ou reencarnação, por cuja virtude progride o mundo; da lei de causalidade ou de ação e reação, chamada **carma**; dos diversos mundos em que o homem vive, semeia e colhe, etc., etc. No campo da ciência, abre novos caminhos ao conhecimento. A Teosofia explica a vida, justifica as diferenças sociais entre os homens e indica o meio de extrair novos fatos do inesgotável armazem da Natureza. Finalmente, a Teosofia não impõe dogmas, nem obriga ninguém a crer cegamente nas verdades que ensina, mas faz coisa imensamente melhor: coloca o homem em estado de perceber diretamente as verdades, por meio do desenvolvimento de sua natureza espiritual. Pelo conhecimento de si mesmo o homem torna-se capaz de conhecer a Vida universal e suprema, posto que o Espírito humano é uma parte do Espírito universal (Deus).

## AULA N.º 2

O termo **Teósofo** é composto de dois outros, de origem grega, a saber: **Théos** — Deus, e **Sophus** — sábio, erudito. Teósofo, pois, é, etimologicamente, o «sábio nas coisas concernentes a Deus».

Por sua vez, o termo **Teosofia**, também de origem grega, significa «o conhecimento das coisas divinas».

Compreender, pois, o que é Teosofia implica no perfeito esclarecimento de Deus, a elucidação das coisas que Lhe dizem respeito. E como no universo tudo são emanções, em graus diferentes, de Seus atributos, resulta que a Teosofia tem por objeto o estudo de tôda

a manifestação cósmica, desde o início das coisas até o mais rudimentar dos seres materiais, incluindo nesta escala de estudos as leis que provocam o metabolismo evolutivo dos mundos e dos seres que neles habitam.

Este objetivo, que aqui rapidamente traçamos da Teosofia, poderia desanimar qualquer indivíduo menos avisado, por tão vasto e aparentemente insuperável. Tal não se dá, entretanto. A nós, ocidentais, parece ser impossível tamanha empresa pelo fato de termos criado nossa mentalidade segundo uma moldes falsos, conduzidos pela chamada «análise científica»: Embora não tenhamos direito de menosprezar as conquistas da ciência ocidental, com os indiscutíveis benefícios que tem trazido à humanidade, podemos, todavia, criticar o seu processo de investigação e sua unilateralidade em face dos problemas humanos, e não haverá como chegar à conclusão de que ela, em grande parte, é responsável pelo estado de coisas implantado na face da terra. Pelo menos uma responsabilidade passiva, por fornecer ao homem armas que lhe servem para a sua própria destruição física e moral. Teremos a este respeito ocasião de entrar em maiores detalhes, quando procurarmos comparar o conhecimento verdadeiro, iniciático, com o processo didático, exterior, provisório, perecível com a destruição da memória. O que desejamos aqui frizar é o seguinte: podemos ter um verdadeiro conhecimento teosófico sem necessidade de dissecar seres, analisar a constituição elementar de toda a matéria, desintegrar átomos, medir e calcular, enfim, sem que sejamos obrigados a perder anos e até a vida inteira na pesquisa dum ângulo extremamente limitado da existência, e que não nós daria, de nenhuma forma, uma solução dos problemas que, de fato, dizem respeito ao homem.

Sem dúvida, tais conhecimentos facilitam a compreensão das leis e princípios que regem o mundo, tanto assim que recorreremos à ciência oficial para comparar e exemplificar nossos conceitos. Justificamos semelhante processo com o seguinte exemplo: Entreguemos a um homem de cultura mediana, por exemplo, uma folha de papel, e peçamos que ele nos descreva, partindo desse «efeito», que é o papel, qual o processo de sua fabricação, quais os maquinismos empregados, ingredientes servidos, qual a fonte que produz os ingredientes, etc. A dois caminhos terá então que recorrer — ou dirige-se diretamente a um fabricante de papel, pedindo os esclarecimentos requeridos e em poucas semanas poderá responder à consulta, com o conhecimento que terá obtido da química, mecânica e leis de fabricação, para se alcançar o fim determinado; ou terá que iniciar um vasto programa de retorno, de estudos intensivos que compreendam todas as ciências já estabelecidas e que permitiram ao homem civilizado fabricar papel.

Pois bem, a humanidade, em geral, tem sistematicamente escolhido o segundo caminho apontado no exemplo acima: procurou estabelecer «ciência» partindo dos efeitos que seus sentidos foram registrando, ao invés de entrar em contacto com os Progenitores da humanidade, que sempre deram oportunidade a cada um de seguir pelo caminho diréto.

Esses Progenitores dos homens existem com toda a realidade concebível, e em nossas palestras iniciais dar-lhes-emos o nome genérico de **Mestres**, aos quais nos referiremos, na medida do permissível.

O termo **Teosofia** já foi usado pelos filósofos alexandrinos do tempo de Amonio Sacas. Os discípulos de Paracelso, o inconfundível humanista e terapeuta do Renascimento, usaram o nome de **Teósofos**, aos quais também cognominavam de «filósofos do fogo». A origem da Teosofia, porém, é muito mais remota; ela se perde, a bem dizer, entre as primeiras culturas humanas. Como já deixamos exposto na aula anterior, este nome é hoje usado para enquadrar a **Ciência Esotérica verdadeira**, pura, legítima, e predestinada a servir à futura ciência oficial de domínio público.

Como disse Helena Petrovna Blavatsky, a fundadora do movimento teosófico contemporâneo, a Teosofia é a síntese das ciências, filosofias e religiões do mundo. Em sua obra capital, a **Doutrina Secreta**, ela procura interpretar e elucidar o significado do simbolismo e das alegorias contidos nas diversas religiões da humanidade, nas crenças dos mais variados povos e grupos raciais, nas tradições esotéricas da Kábala hebraica e egípcia, dos alquimistas e rosacruzes medievais, dos primitivos egípcios, chineses, indús e mesmo dos povos pré-colombianos, como os aztecas, maias, incas, quichuas, toltecas, etc., comparando-os com comentários esotéricos que fez ao Livro de Dzian, pertencente à biblioteca da Grande Fraternidade Branca, e criticando ao mesmo tempo a ciência materialista dos fins do século passado; e em toda essa monumental obra, surge, com toda evidência, a unidade fundamental do conhecimento humano, unidade esta que é a mesma **Teosofia**.

Se o «conhecimento das coisas relativas à Divindade», ou seja a Teosofia, tivesse sido desenvolvido sem precalços, a vida humana estaria hoje num ponto de esplendor tão elevado que o atual modo de viver seria relativamente tão primitivo como a vida do homem da caverna o foi em relação à atual civilização.

Vários motivos, no entanto, impediram que assim tivesse acontecido, desde o amanhecer dos tempos até nossos dias motivos estes que, encarados de um plano muito elevado, passam a se identificar com as próprias leis universais que regem o progresso dos seres e das coisas, como luta de opostos, **corsi e ricorsi**, **destruere et construere**. Para a mente humana que participa desses movimentos, tudo se passa como se um fator primordial fosse o criador dos obstáculos — o egoísmo — com suas múltiplas manifestações, como sejam o orgulho, a vaidade, a prepotência, o domínio, a intransigência, etc., levando ao fracasso as coletividades, após terem brilhado como estrelas efêmeras nos sucessivos cenários da História da Mônada.

O impulso primitivo que, criando os mundos, deu origem às formas de vida, defrontou-se com as mesmas dificuldades de um construtor ao ter que erigir uma construção sem dispor dos recursos apropriados e indispensáveis, com exceção de uma vontade férrea. Com essa vontade poderosa, o impulso primordial conglomerou restos dispersos de materiais adormecidos, criando os mundos e neles se manifestando através de veículos à sua disposição, mas nem sempre perfeitamente adaptáveis a seus desideratos. E nesses veículos, como mineral, vegetal, animal, hominal, vai percorrendo etapas premeditadas, sujeito a insucessos pela qualidade do material empregado, voltando por vezes sobre seus passos, mas sempre levado para a frente por sua vontade poderosa que, se de um lado cria pela mente, de outro concretiza o pensamento, experimenta, dando-lhe forma e vida peculiares a seus fins, destruindo, tam-

# O TUMULO DE JULIETA (1)

For never was a story of more wee  
Than this of Juliet and her Romeo.  
(Shakespeare: ROMEU E JULIETA)

Ao ouvirmos falar dessa criatura de amor e poesia, respondíamos sempre sustentando a crença de que a imortal tragédia não passava de admirável fabula a que o grande Shakespeare infundiu um sopro de vida tão poderoso que, ainda hoje, se torna impossível não acreditar que Romeu e Julieta não fossem, de fato, duas criaturas de carne e osso, como Paulo e Francisca, por exemplo.

Antes nunca o tivéssemos negado!

Nosso amigo, um apaixonado veronês, a quem fomos apresentado, interrompeu-nos certa vez:

— É, então, um dos muitos que consideram a trágica história como uma lenda do tempo dos doces suspiros?

Ao advir essa nossa descrença, prosseguiu citando um número imenso de autores e de textos em demonstração de que laborávamos em erro:

— De fato, dizia êle, a obra do grande poeta inglês está cercada de profundo mistério, sinão, o próprio autor, pois, como não deve ignorar, existem muitos que procuram provar que «Shakespeare não é Shakespeare», isto é, que o autor da magnífica coletânea de obras geniais, foi um tal William Stanley, conde de Derby, que ocultou seu verdadeiro nome por trás do daquele gênio, como um dos atores de sua Companhia dramática. A respeito, porém, da tragédia do apaixonado Romeu, as coisas se acham mais claras. Procure seguir comigo seu verdadeiro processo e mudará de opinião: Um historiador e poeta de Vicenza, Luís Da Porto, descreve por vez primeira os decantados amores em uma história publicada em Veneza em 1513. Mateo Bandello, o melhor novelista e narrador italiano, depois de Boccaccio, reforma e completa — acusado de plágio — a obra de Da Porto. Em 1560 consegue que seu trabalho, traduzido por Boisteau, passe os Alpes para ver a luz em França, e mais tarde, na Inglaterra, quando Brooke,

dois anos depois publica, em inglês, a amorosa história em mais de três mil versos. E... Shakespeare escreve a imortal tragédia já conhecida na Inglaterra pela obra de Brooke.

Por outro lado, continuou o bom veronês, os cronistas de Verona Torri e Scolari, afirmam que os trágicos amores possuem fundo histórico. E Jeronimo della Corte, em sua História de Verona, dá o fato como realmente acontecido em 1303, no tempo do príncipe Bartolomei della Scala. O inglês Axton participa dessa crença... digo mais, a maioria dos críticos se expressa do mesmo modo; não négo — ajuntou depois de uma pausa — que outros, como Chiarino por exemplo, pretendam buscar a origem do que êle chama de «lenda», nas fontes clássicas, para logo afirmar que tal lenda se une ao espiritual tema do amor fatal, tão frequente na literatura pagã: Piramo e Tisbe, Hero e Leandro, Tristão e Isolda. Porém, eu creio, como crê Verona, no fato histórico e, portanto, négo que se trate de um simples monumento da literatura artística, que completa uma obra da literatura popular... como disse Leati. Sinão, de uma verdadeira história que Shakespeare, descreveu e pintou, com as mágicas cores de seu incomparável gênio.

Realmente encantado com a boa prosa de nosso amável veronês, arriscamos a seguinte pergunta:

— Não crê, entretanto o amigo que seja estranho, Dante, o excelso poeta de Francisca, de Pia e de Piccarda, não haver mencionado os tristes amores de Julieta, quando, desterrado e pobre, encontrou precisamente em Verona, e naquela época, o primo ostello junto do príncipe Bartolomeu Della Scala?

Nosso amigo, encolhendo os ombros, respondeu:

— Diz-se que um francês, creio que Montegut, pretendeu demonstrar com essa teoria, que o idílio não

## AULAS TEOSÓFICAS

bém, quando o que pode realizar não correspondeu à sua expectativa.

Para que possais atingir a meta, é preciso irdes aprendendo a identificar os obstáculos que se amontoarão a vossos pés, em tentativas traiçoeiras para vos fazer dissuadir de palmilhar o caminho; um por um deverão ser destruídos, e para isso, será necessário que encontreis os meios de anular êsses obstáculos, utilizando-os como fatores acelerados da evolução.

Desta maneira, um dos primeiros obstáculos que deparareis, e dos mais perigosos pela sua sutileza, é a intransigência, isto é, o vício causado pelo hábito de se encararem as coisas exclusivamente por determinado prisma. E' como se, em compartimentos estanques, ao olhades para uma porção d'água, ali teimásseis em reconhecer o oceano indivisível. As vezes, os pontos de vista são bons, têm nobres finalidades, mas olhados só por um aspecto, ficaria a Verdade reduzida a um fragmento indiscutivelmente falho, com o qual não se poderia entender uma ordem superior de coisas. A intran-

(CONCLUSÃO)

sigência é consequência direta do egocentrismo, pois pressupõe que só é certo aquilo que se identifica com os pontos de vista pessoais ou de grupos de pessoas. Dela resulta, fatalmente, na melhor das hipóteses, a incompreensão, e na pior, como assistimos na presente existência física, para não buscar exemplos na História, a grandes e catastróficas lutas.

Que cada um de vós se esforce por combater êsse aparente pequeno mal, que gera males tão profundos, são os votos que fazemos.

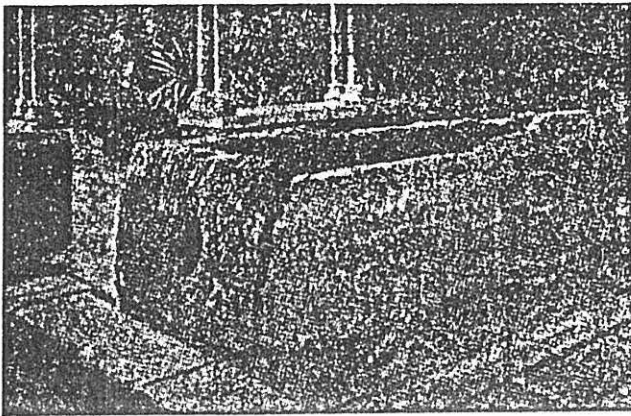
NOTA DA REDAÇÃO: — Aos leitores de «O Luzeiro» que se interessarem por um curso intensivo de Teosofia, sugerimos-lhes a conveniência de se dirigirem por carta ao Departamento de Correspondência da S. T. B.

Rua Buenos Aires, 81 — 2.º andar.  
RIO DE JANEIRO.

passa de uma fábula; porém, se me não engano, Dante, em seu Purgatório, diz algo a respeito dos Capuletos e dos Montescos, inclusive, de suas amizades e façanhas... Ademais, é a tradição quem responde com duas magníficas provas: a casa dos Capuletos e o próprio túmulo de Julieta. Há uns-seis ou oito anos o Município de Verona procurou vender, em hasta pública, ambas essas recordações. E sabe o que aconteceu? O próprio povo veronês, ou melhor, o povo italiano a isso se opoz franca e decididamente, fazendo fracassar semelhante projeto... Casa e túmulo são sagrados para Verona, pode crêr, especialmente o segundo; da primeira, enfim, nada se pode dizer.

Horas depois atravessamos Verona, em busca do bairro extremo, onde a tradição colocou a magnífica prova — ao dizer de Verona — de que os heróicos amantes que Amor conduz à u'a morte, pertencem à História e não à fantasia exuberante desse grande poeta, que se chama Povo.

Ao chegarmos ao romântico santuário, digamos assim, por cujas paredes se enroscavam lindas trepadeiras, nosso companheiro se deteve:



— Eis aqui o túmulo de Julieta Capuleto.

Confessamos que, influenciados, talvez, pelo aroma que transcende dos legendários amores, esquecemos, por momento, nossas dúvidas. E, guiados por insólita curiosidade, penetramos no triste recinto, cuja melancolia não lograva dissipar o sol que o banhava naquela tarde silenciosa...

Nossos olhos convergiram para um sarcófago de róseo mármore, horripelmente carcomido pelo tempo; duas lapides, também de mármore, nos muros; uma espécie de nicho, cuja base se prolonga sustentada por antiga coluna; um livro e algumas flôres. Porém, a tradição falou pela boca do bom veronês: naquele túmulo foi colocado o narcotizado corpo de Julieta (2). Aquele róseo sepulcro era o mesmo que, convertido em tálamo della morte, acolheu os corpos dos desventurados amantes, após a tragédia, que o ódio de Capuletos e Montescos sobre eles fatalmente havia de se desencadear... Ainda: aquele sarcófago, destampado e carcomido, não havia apenas sofrido a ação destruidora do tempo, mas também, o efeito da ingenuidade e superstição dos peregrinos de amor, que àquele velho túmulo vão em busca de pequenos pedaços de mármore, considerados amuletos de raro valor para as aventuras amorosas. Ali se vêm, ainda, nas lapides murais, mal traçadas inscri-

ções cuja relação com a piedosa lenda é quasi impossível decifrar. E, quanto àquele livro colocado no pequeno nicho, oferece ao curioso sentimentalista, no mistério de suas velhas, gastas e amareladas fôlhas, a história dos célebres amantes de Verona. E as flôres, a muda homenagem de almas femininas que, ano após ano, dia após dia... rendem, devocionalmente, sua homenagem à Julieta...

Observando que ao sepulcro faltava a pedra que o cobria em remotos tempos, perguntamos por seu paradeiro. A curiosa resposta foi esta: é a História e não a tradição que afirma ter sido tal pedra trasladada para Viena, por desejo do arquiduque D. João d'Austria, que a comprou por elevado preço. Como também prova a História, que a primeira mulher adornada com fragmentos do funereo mármore, foi Maria Luiza d'Austria: em 1828 teve ela o estranho capricho de mandar fazer um colar com pequenos pedaços da rósea pedra tumular, quando a mesma foi transportada para Verona, depois da morte da Fenix de Santa Helena... (3)

Uma representação da tragédia shakespeariana nos fez evocar os sagrados lugares de tão legendários amores... E enquanto a longinqua e tristonha recordação, nos trazia à memória, aquele mármore, que a superstição despoja; o sentimental tributo de flôres, que jamais deixa de haver no velho sepulcro... E as palavras do bom veronês, perturbando a eterna interrogação: Provará um dia a História, que semelhante túmulo pertence aos protagonistas da piedosa lenda de Verona?

(1) Tradução para o português, por J.H.S., do artigo do sr. Alfredo de Molina, datado de Milão, 1924. Esta tradução foi, pela primeira vez, publicada em Dhâranã, ns. 87 e 88, de 1936 (nota da red.).

(2) Muitos foram os corpos de pessoas de grande valor na História... enterrados com vida, embora que, narcotizados, ou em cataléptico sono, para terem um outro destino que, a Humanidade vulgar está mui longe de compreender. Por isso mesmo, exige o bom senso ou senso comum, que a humanos pertence... não sermos nós quem vá desvendar a causa ou razão de tamanho mistério! Respeitemos, pois, certos túmulos — mesmo quando vazios... por serem verdadeiros templos ou sacrários a que os próprios judeus de outrora cognominavam de: Sanctum Sanctorum! E os franco-maçons, com aquela famosa Palavra de 7 letras, por nós várias vezes citada: VITRIOL, isto é, «Visita interiora terrae rectificando invenies omnia lapidem». (nota do tradutor).

(3) Em relação a Napoleão, cuja Lei de Causalidade liga a sua história a outra dos proéticos amantes de Verona: Romeu e Julieta, através de um amor forçado (Maria Luiza) em substituição ao seu verdadeiro amor, que foi Josephine Beauharnais, cujas iniciais (J e B) colocavam o enigmático «cabo de guerra», entre as iniciáticas Colunas do Templo de Salomão, Jakim e Bohaz, principalmente quando dirigido por não menos estranhos e misteriosos personagens que o aconselhavam nos momentos duvidosos. E logo deixou de ouvir a sua voz — como Voz da Razão, ou do verdadeiro senso espiritual (que nada tem de comum ou vulgar), paga a sua desobediência... na famosa «batalha de Waterloo», com o conseqüente exílio em Sta. Helena... (nota do tradutor).

#### RECEBEMOS E AGRADECEMOS

VERITAS, n.º 17 — editado em S. Lourenço, por membros da Sociedade Teosófica Brasileira.

ODUSTA, n.º 3 — editado em S. Paulo.

A LUZ DE DAMASCO, n.º 15 — editado em Porto Alegre.

UNITAS, n.º 10 — revista publicada em S. Paulo

# “As Sete Rosas que ornaram a Régia Corôa de S. Lourenço”

H. J. SOUZA

Com o título acima, a revista «Dhâranâ» — como órgão oficial da SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA — publicou na sua Coleção dedicada a S. Lourenço, ou seja dos números 123 a 130 — um grande estudo iniciático, a respeito do que até agora só podia ser dito de palavras veladas (mas claras para os Membros mais adiantados da Obra, como fazia Jesus, falando aos profanos, por meio de parábolas, e aos seus discípulos, às claras, tanto que lhes ensinava que «Não deviam atirar perolas aos porcos», isto é, *Margaritas anti porcus*, justamente para não se fazer mau uso das cousas sagradas...), mas agora, aqueles Véus de outrora são rasgados, para que esse mesmo mundo profano, possa compreender melhor os reais valores de nossa Obra. E isto porque, «Os tempos esperados já chegaram»...

Como sabem todos aqueles que pertencem às nossas fileiras, principalmente, os das séries mais adiantadas, em todos os tempos «o Lugar em que a Mônada alcançou o máximo da sua evolução (segundo a Mitologia grega — «pelo Itinerário de IO ou Isis», como Ésquilo o descreveu no seu «Prometeu encadeado») na Terra, dá-se o nome de «Sistema geográfico», como reflexo do Planetário, na abóbada celeste, isto é, um Sol central (como oitavo), em torno do qual giram sete astros ou globos. O atual sistema geográfico, «por ser o limite máximo da evolução humana (a Mônada como sua representação), se encontra aos 23º graus de latitude Sul, «Trópico de Capricórnio». Esses graus compreendem toda a zona que abrange a Serra da Mantiqueira, nome que provém do «mantica» latino, ou manteiga, por isso mesmo, «objeto de guardar o referido alimento». Nas teogonias orientais, o termo sânscrito, PUSHKARA, quer dizer (como continente): «Mar de leite ou de manteiga clarificada». E semelhante continente, é o bem nosso, isto é, o americano, como prova Colombo, sucedido por Cabral, ter feito a sua descoberta. Colombo, no grego KRISTOFERENS COLUMBUS, «aquele que traz consigo o Cristo», ou é, como foi ensinado na anotação 1, o próprio Cristo ou Iluminado, Sábio, etc. representando, ao mesmo tempo, «o Espírito Santo (Columbus, columba, colombina, a Pomba, etc. etc.). E Cabral, de capris, cabrito, mas também, o nome do referido signo: Capricórnio. Como Iniciado que era, usou no seu braço 3 cabritos ou capris, em relação a seu próprio nome. Neste mesmo periódico já ilustramos um artigo nosso com os dois referidos escudos: de Colombo e Cabral.

Quanto à chave filológica por nós expendida, ao falarmos do termo Mantiqueira ou «mantegueira», fazemos lembrar que todo o privilegiado Estado de Minas Gerais (pois traz engastado no seu coração, a pérola preciosa que é S. Lourenço), se dedica ao fabrico dos lactícínios. Concorde, pois, com o referido termo.

E é assim que vemos o supracitado Sistema geográfico (de todos os ciclos) tendo por Sol Central, a estância de S. LOURENÇO. E em seu redor, os sete astros representados pelas seguintes e privilegiadas, também, cidades sul-mineiras: AYURUOCA (no tupi,

«a gruta da Luz». E no sânscrito, AJUR-LOKA, «a caverna iluminada pelo SOL» — espiritual, já se vê...); CONCEIÇÃO DO RIO VERDE (esse termo figura na decorrer da História de nossa Obra, inúmeras vezes, digamos, tanto no presente como no passado... «Conceição Feliz», é o nome da lancha ou BARCA que até hoje se acha encalhada nas areias itaparicanas, desde que ali estivemos até hoje, como verdadeiro milagre. Este mesmo periódico já falou a respeito, ilustrando com diversas fotografias); S. TOMÉ DAS LETRAS («letras ou inscrições rupestres», por nós reveladas como «roteiro ou guia para se alcançar, outrora, determinado lugar com o nome de «PICO DO LIAO, e onde existia uma Fraternidade Jina ou de Adeptos da Boa Lei». E isto o fizemos, em vários capítulos pela revista Dhâranâ, como órgão oficial da Sociedade Teosófica Brasileira); MARIA DA FÉ («sim, Fé ou confiança temos em MARIA, mas com a interpretação bem nossa de Divina Mãe ou aspecto feminino da Divindade, cabalisticamente falando, «Véu de Ainsuph», a Vontade do Pai, posta em ATIVIDADE na Mãe ou Espírito Santo, a tudo velando e cobrindo... Donde o termo religioso, também aí empregado, de «Manto de Maria», sob o qual seus devotos se colocam. E que de ser imaculado ou virginal, tanto basta para ser invisível aos olhos físicos, mas, visibilíssimo aos espirituais de quantos com a mesma se afinizam...); SILVESTRE FERRAZ (nome de uma família ilustre que aí viveu, mas, esotéricamente falando, em tal lugar «o que é silvestre passa a cultivado. Neste caso, «as roseiras da espiritualidade no canteiro intelectual e coracional de certos Sêres que aí, secretamente viveram», digamos, preparando o momento justo de DOIS MISTERIOSOS Sêres poderem galgar a «Montanha Sagrada» sanlourenceana. E receberem do Céu — como aconteceu ao Manú inca Manco-Capac, em relação com a cidade de Cusco... — o espiritual Bastão de Dirigentes da Missão Y, também chamada de ERA DO AQUARIO); ITANHANDU (em tupi, «a encosta da Pedra», na mesma razão de ITAMONTE, ou seja, uma pedra que é vista na parte mais alta da Mantiqueira, e muito semelhante à PEDRA DA GAVEA. Por sua vez, «lugar Jina como aquele de S. Tomé das Letras). E, finalmente, como sétima ou última do referido Sistema Geográfico, POUSO ALTO («a mais alta pousada que encontraram os grandes Bandeirantes do passado, como incomparável desbravadores de nossos sertões». POUSADA ALTA, também, para nós, no sentido espiritual de «alcançar os limites máximos da INTELIGÊNCIA, a par dos do CARATER).

Em resumo, semelhante Sistema geográfico representando a Nova Canaã ou «Terra da Promissão» para onde o MANU — como em todos os ciclos em que é repartida a Vida Universal — conduziu seu POVO através daquele mesmo «Itinerário de IO ou ISIS.

Eis aí a razão de nosso Templo se firmar numa colina a qual o Dirigente da Missão Y achou por bem lhe dar o nome de «Vila Canaã», na presença do Sr. Prefeito e demais autoridades, imprensa e vultoso número de convidados, além dos membros da SOCIEDADE

TEOSÓFICA BRASILEIRA, como detentora única da referida Missão na Terra. Templo este dedicado à tôdas as religiões do mundo, mas também, à FRATERNIDADE UNIVERSAL DA HUMANIDADE sem distinção de raça, crença, casta ou côr, para não dizer desde logo, uma síntese passada, presente e futura dessa mesma Humanidade.

Aqueles que devem residir em S. Lourenço, de há muito que para lá se encaminham, e tudo procuram fazer, ao mesmo tempo, em benefício da cidade que lhe é tão cara, seja material, como cultural e artisticamente, e que foi o motivo para a CAMARA MUNICIPAL DE S. LOURENÇO «considerá-la de utilidade pública». O mesmo já estão procurando fazer os complementares dos primeiros, em relação às sete cidades ou ROSAS QUE ORNAM A CORÔA DE S. LOURENÇO, já apontadas anteriormente.

O primeiro grupo escalado, preferiu visitar POUSO ALTO, como sétima, mas que aqui passa a ser a primeira, na escolha (ou direito que a todos se dá) da cidade do seu agrado. E cujo grupo ficou assim constituído: Srs. Palmerio de Azevedo Cerejo, Alvaro Belfort Barreiros, Gustavo Felício de Sousa Filho, Adolfo Navarré, José Augusto Martins, Orlando Lopes Bastos e Antonio Cardoso Mayor, cujo grupo foi chefiado pelo Irmão Maior Sr. Arminio ITAGIBA («a giba ou corcova da pedra», em língua tupi) STRAUSS.

Mesmo que viajando em esplêndida caminhonete (Chevrolet), um deles, estando indisposto, não passou bem a viagem, mas cumpriu o seu altíssimo Dever até o fim. E foi assim que chegaram ao privilegiado Lugar da sua escolha, em nosso SISTEMA GEOGRÁFICO. Na estação os esperava o de nome Orlando (Orlando ou Rolando, como era o nome de um dos Doze Pares de França...). Daí seguiram para determinado «marco florestal», que faz parte da História de nossa Obra, ou seja, uma das muitas e perfumosas «caneleiras» que adornam tôda a cauda verdejante da SERRA DA MANTIQUEIRA. Nesse mesmo Lugar, o grupo plantou uma pequena muda de «ficus religiosa», trazido de NITEROI (em tupi, «baía grande», referindo-se a hoje baía de Guanabara, mas, em linguas antigas, NISH-TAO-RAM «o Caminho Iluminado pelo SOL», espiritual, já se vê), pelo Irmão Cerejo (proveniente de «cereja», fruto precioso ao qual se assemelha o portador desse nome). Trazido, sim, dessa mesma NITEROI, onde se fundou materialmente a nossa Instituição, com o nome «Dhâranâ», por estar naquela época ligada ao Oriente, o mesmo donde veio, no começo do século XX, o Dirigente da Missão Y, que é o autor deste humilde trabalho, passando depois à Sociedade Teosófica Brasileira, por seu trabalho ou Missão ser no Ocidente. Donde, ao lema de Emmanuel Swedenborg — EX ORIENTE LUX! substituir o EX OCCIDENTE LUX! NITEROI, ainda, por ser uma das cidades escolhidas pelo grande catequizador JOSÉ DE ANCHIETA, pois, como se viu, em o número anterior deste periódico, o mesmo e Iluminado Sêr que teve aquele nome, percorreu tôdas as cidades também percorridas por nossa Obra: Itaparica (Bahia, portanto), RIO, NITEROI, e finalmente, SÃO PAULO, onde «por lei de causalidade... também se encontra o referido Dirigente da «Missão Y».

A seguir, o referido grupo, rumou para a parte mais baixa da cidade, onde tiraram as fotografias que ilustram este mesmo estudo. Seguindo, depois, para o centro, fôram fazer a primeira refeição do dia, inclusive o de nome Alberto, em companhia de sua digna esposa, e dois filhos do casal, todos pertencentes às

nossas fileiras. No fim desta amistosa e fraternal refeição, tomou a palavra o Irmão Belfort, que fez uma bela alocação em honra à Divindade (antes dito, uma oração), como se a Mesma ali estivesse presente... Foi um momento de grande emoção para os sete irmãos de que se compunha o referido GRUPO.

Os mesmos foram gentilmente servidos pela dona da Pensão, a Sra. D. Ana Pires, irmã do Prefeito de POUSO ALTO, que recebeu a mais significativa manifestação de respeito e gratidão por parte dos referidos Irmãos.

A seguir, fôram ter à presença de S. Exa. o Sr. Prefeito José Ribeiro Pires, que os recebeu, também, de modo condigno, depois da devida apresentação do grupo, pelo Irmão Cerejo, que também fez a entrega de uma Mensagem ao mesmo, dirigida pelo Vice-Diretor da S.T.B., o engenheiro civil Dr. Cesar do Rego Monteiro Filho. S. Exa., que foi de uma amabilidade à tôda prova para com os integrantes da «caravana Teosófica», forneceu diversas documentações de grande utilidade para os mesmos, e consequentemente, para o Arquivo de nossa Obra, a começar pelo nome da cidade, desde que se tem os dados oficiais sôbre a mesma (1875), a indústria principal, que é «a de laticínios», e finalmente, o problema principal da cidade, que é o da falta de residências para alugar, porque «Pouso Alto, possuindo 608 (número do ciclo solar, dizemos nós) propriedades rurais, tem apenas umas 400 casas (breve terá muito mais, como se poderá compreender mais adiante... construídas por nossa GENTE), havendo assim falta das mesmas para alugar. Fôram, em seguida, convidados por S. Exa. o Sr. Prefeito, para visitar o Edifício da Prefeitura, sendo o grupo conduzido por ele mesmo, que também se incumbiu de abrir tôdas as salas.

E mostrou o que era possível naquele momento. O prédio foi construído em 1875 pelo Barão de Pouso Alto, e ainda conserva os barrotes primitivos. S. Exa. teve, ainda, ocasião de mostrar uma planta da Prefeitura, em vista do Irmão Cerejo ter demonstrado interesse na aquisição de terrenos, etc. E diversas explicações fôram dadas a respeito dos da própria Prefeitura, «cedidos gratuitamente a quem, no prazo de dois anos, fizer as respectivas construções».

Tomando, em seguida, a palavra, o Irmão Belfort — num breve mas brilhante improviso, saudou à S. Exa. o Sr. Prefeito, em nome dos presentes, dizendo da admiração de todos eles por sua brilhante administração. «E que Deus abençoasse os seus magníficos esforços a favor do progresso da Cidade de Pouso Alto». S. Exa. comovidíssimo (prova da grandeza da sua alma e grande amizade que tem pela mesma cidade), baixou a fronte... E nos seus olhos brilharam duas lágrimas. Compreendendo que aqueles ali presentes de um modo surpreendente, poderiam muito fazer em breve a favor da cidade, abriu melhor o seu coração e disse outras muitas cousas interessantes, dentre elas «que embora não tendo uma grande cultura (todos concordaram em negar essa sua prova de grande evolução, pois, os verdadeiros sábios são aqueles que confessam «não saber coisa alguma»), preferia não receber os seus honorários, oferecendo-os para a merenda das crianças (isto, sim, que é «um homem de caráter»!). A seguir, contou a maneira pela qual foi construída a Santa Casa, «soçando um sorriso, ao dizer: «com a ajuda de um ôvo, uma galinha, um leitão, etc.». Todavia como já estivesse em cima da hora para sua partida, indicou uma outra pessoa da sua confiança para os conduzir à

Santa Casa. E assim, despediram-se do Prefeito, que fez questão de apresentar o Sr. Paiva, velho farmacêutico da localidade e querido de toda a população da cidade, que lhes serviria de ciceroni em semelhante visita. S. Exa. fez questão de frisar «que se colocava à disposição do referido grupo para qualquer colaboração futura». E estendendo a mão a todos, dos mesmos se despediu com a maior cortezia. Depois da referida visita à Santa Casa, que deixou ótima impressão no espírito de todos, pois nada falta, até para certas operações, o Irmão Belfort procurou saber «se havia um Livro para impressões, etc.». E lhe sendo respondido com uma «negativa», o mesmo pediu uma folha de papel timbrado, da mesma Santa Casa, na qual todos os componentes do Grupo lançaram as suas assinaturas, o que representava mais um documento de valor, da presença de Membros da Sociedade Teosófica Brasileira, na cidade privilegiada de POUSO ALTO.

Despedindo-se de todos os presentes — sob o olhar curioso de vários residentes na localidade, o grupo deixou o de nome Orlando, na charrete que o conduziria à estação, pois o mesmo precisava tomar o trem da tarde, por se achar um tanto indisposto. No entanto, havia cumprido o seu dever perante a própria Consciência, que é o maior e melhor Juiz de todas as criaturas. E assim, o grupo partiu para S. Lourenço em visita ao seu próprio TEMPLO.

No dia seguinte, partiam para o Rio, depois de se terem despedido de seus Irmãos residentes na Localidade — e ao chegarem ao alto da Serra, fizeram uma parada, afim de tomarem algum alimento. Nessa ocasião, aquele que dirigia a caminhonete — o grande amigo Sr. Alberto — não podendo conter a sua admiração pela maneira condigna com que se portaram os componentes do grupo, teve ocasião de proferir as seguintes palavras: «Tenho conduzido inúmeras pessoas, mas nunca encontrei um grupo tão alegre e tão dis-

tingido como os senhores» (sim, dizemos nós, «a Alegria espiritual de quem tem uma Consciência sadia... sem remorsos. «Alegria igual àquela de Schiller, que serviu de inspiração a Beethoven para escrever a sua «9.ª Sinfonia», porque a DÉCIMA, escrita em língua JINA, com o nome RESSURREIÇÃO, nós a temos em nosso Arquivo, como sabem os Irmãos da série Maior da S.T.B. E até executamos vários dos seus trechos...).

E assim, chegaram eles ao Rio, com imensas saudades — não só de seu Irmão Orlando, que havia seguido de trem, do mesmo modo que, dos outros Irmãos residentes em S. Lourenço. Sem falar na mesma cidade de POUSO ALTO. E ainda sob as excelsas vibrações que emanam de nosso TEMPLO, naquela mesma cidade, a qual, o maior gênio de nosso século, que foi o Dr. Mario Roso de Luna, teve ocasião de chamar de «Capital espiritual do Brasil», que a bem dizer o é do mundo, por ser «o Centro de irradiações espirituais para toda a face da Terra». Res non verba. S. Lourenço, o Sol central de nosso Sistema! Em língua tupi, COARACY. Em sânscrito, SURYA, porém, como Sol espiritual, donde emanam sete raios de LUZ, cujo último, alegórico em POUSO ALTO, tem o nome, também sânscrito, de SVARAJ, «o esplendor celeste», «o magnificante», etc. (\*)

OM MANI PADME HUM! OM TAT SAT! ADI-BUDHA VAHAM BUDHA!

(\*) Conforme foi dito na descrição dessa primeira visita ao Sistema Geográfico, o Vice-Diretor da S.T.B. — o Engenheiro civil Dr. Cesar do Rego Monteiro Filho, além de ter dirigido uma Mensagem congratulatória ao Exmo. Sr. Prefeito da Cidade de POUSO ALTO, logo o mesmo Grupo chegou ao Rio, endereçou uma segunda, agradecendo a maneira gentil com que recebeu aqueles sete mais um membros (ou oito, como Guia dos demais) da Sociedade Teosófica Brasileira.

A parte deste estudo, que diz respeito à supracitada Viagem, é uma síntese da ATA que nos foi entregue pelo Guia do referido Grupo, sr. ARMINIO ITAGIBA STRAUSS. (O autor).

**Espiritualista! Atende! À vossa Consciência e ao nosso apelo de UMA FRENTE UNICA ESPIRITUALISTA "para que seja levantado um dique tutelar contra as águas invasoras do materialismo bravio".**

### "INSTINTO, RAZÃO E INTUIÇÃO"

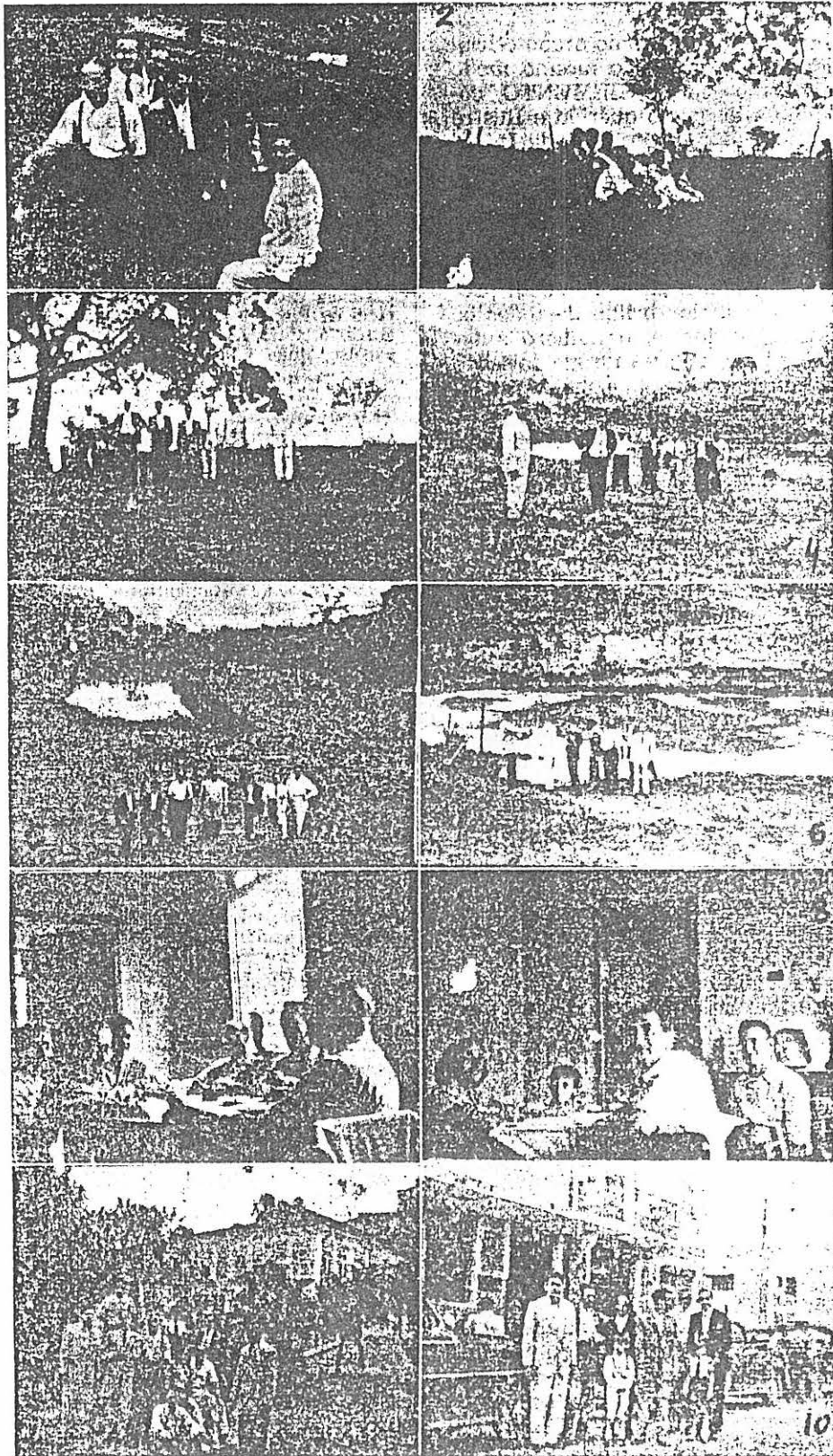
O título em epígrafe é o nome de um excelente trabalho, de caráter filosófico, de autoria do Sr. Jessy Santos (do Instituto Brasileiro de Filosofia), prefaciado pelo insigne Prof. Heraldo Barbuy, e com o qual seu ilustre autor houve por bem agradecer o Supervisor e o Diretor deste periódico, respectivamente, Prof. H. J. Souza e Eng. Clovis Bradaschia.

Segundo palavras do próprio autor, "este trabalho é o resultado de um acendrado amor às cogitações puras do espírito".

(A Redação)

1 — Plantando a «árvore» nas imediações da «tradicional caneleira» de que fala o texto; 2 — Os sete Irmãos sentados em baixo da «caneleira»... na «quietude mística» que merece o referido lugar; 3, 4, 5 e 6 — Várias poses do mesmo grupo ao descer a encosta da «Montanha»; 7 e 8 — Duas poses do almoço levado a efeito na «Pensão Pires», de propriedade de D. Ana Pires, irmã de S. Exa. o Prefeito de Pouso Alto. O Irmão que se vê à cabeceira da primeira mesa, é o 1.º Ten. Alvaro Belfort Barreiros, o mesmo que fez as alocações apontadas no texto. E que, uma das passagens da sua vida, servindo no Exército Brasileiro, na Itália, merece ser aqui apontada: «Estando ele — como sargento — dirigindo um grupo de soldados em lugar difícil de escapar das metralhadoras alemãs, lembrou-se de «certa mentalização da S.T.B.». E, assim, falou aos mesmos soldados: «Vocês podem não acreditar em certas cousas... Mas, o fato é que daqui não podemos sair ilésos, sob o fogo constante das metralhadoras alemãs, a menos que vocês acreditem em mim e façam a seguinte mentalização (e ensinou aos seus soldados o que deviam fazer). Terminada a mentalização, todos se levantaram concios de que nada lhes aconteceria. E, dali saindo, dirigiram-se todos para outro lugar, defendido do fogo cruzado das metralhadoras. Inútil dizer que todos saíram ilésos da situação mais difícil que encontraram na referida «guerra»; 9 — Na praça Ribeiro da Luz, ao lado da Prefeitura local; 10 — O grupo no momento de voltar de S. Lourenço para o Rio de Janeiro.

# Documentação Fotografica da Expedição a POUSO ALTO



(Legenda na pagina anterior)

# A FAVOR DA PAZ UNIVERSAL

H. J. S.

Tanto os leitores de Dhâranâ — como órgão oficial da Sociedade Teosófica Brasileira — do mesmo modo que os deste periódico, como seu SUPLEMENTO, conhecem a figura prestimosa de nosso querido e Ilustre Irmão Dr. Jaddo Couto Maciel, da Secretaria da Intendência Municipal da capital baiana. Os serviços valiosos que o mesmo tem prestado à nossa Obra, seja pela maneira gentil com que tem recebido os excursionistas da S.T.B. que vão em visita àquela cidade, como à Ilha de Itaparica, seja enviando fotografias e objetos — verdadeiras reliquias que fazem parte de nossa própria vida. E que têm sido o maior brilho de todos os nossos trabalhos literários, inclusive, o número anterior deste periódico. Pois bem, na sua última missiva, faz-nos ciente de que, «através de seu jornal esperantista ÉLO FRATERNAL veio a conhecer uma ilustre figura do PANTEON ESPIRITUALISTA de nossa Mãe-Índia. Trata-se do grande místico Dr. D. V. Ghorale, que também é advogado e Professor na Universidade de POONA».

No seu dignificante esforço a favor da PAZ UNIVERSAL, deseja o Dr. Ghorale divulgar — por intermédio daquele nosso querido e Ilustre Irmão — uma fórmula evocatória, que qualquer pessoa pode fazer diariamente, a favor dessa mesma PAZ tão almejada pelos homens mais sinceros do mundo. E que esta revista — no seu glorioso afã de trabalhar a favor da Missão em que a S.T.B. está empenhada, terá ocasião de publicar em seu próximo número, devidamente traduzida para o nosso idioma. Pelo que se vê, o grande místico Dr. D. V. Ghorale — que era amigo do Mahatma Gandhi, por sinal que enviou uma fotografia sua, com belíssima dedicatória ao Dr. Jaddo Maciel — por saber que este também era seu amigo — colabora, a seu modo, com a nossa Instituição, que além do mais, fez construir em S. LOURENÇO — onde é sua Sede e Fóro — um TEMPLO DEDICADO À PAZ UNIVERSAL, e conseqüentemente, à todas as religiões do mundo. E a prova é que para a sua próxima CONVENÇÃO (a Sexta) em Fevereiro do ano vindouro, já vem distribuindo convites — para, na mesma tomarem parte os Representantes de todas as facções culturais, artísticas, filosóficas, religiosas, etc. Sendo que o mais interessante — a bem dizer, verdadeira «lei de Causalidade» — mais de 3.000 prefeitos, de diversas cidades brasileiras, por sua vez, realizarão em Maio, uma outra Convenção, porém de ordem política», como anuncia a própria Imprensa. Pelo que se vê, o ano 1954 começará com uma APOTEOSE DE LUZ, onde VINTE E UMA ESTRELAS (os Estados brasileiros) cercarão o símbolo precioso de nossa Pátria, que é o CRUZEIRO DO SUL — e de grande expressão para nossa Obra — abrindo, assim, um Novo ciclo em a nossa História, pois que, os DOIS PODERES se manifestando juntos (o Espiritual e o Temporal) — é como se se dissesse «que na Balança do Mundo, as Duas Moedas estarão em Equilíbrio».

No mais, não há como repetir o nosso definidor slogan, capaz de resolver o magno problema da PAZ UNIVERSAL:

UM SÓ IDIOMA. UM SÓ PADRÃO MONETARIO. UMA FRENTE ÚNICA ESPIRITUALISTA. E isto para que todos, sem exceção alguma, possam dizer: «Glória a Deus nas alturas. E PAZ na Terra aos homens de boa vontade». (\*)

(\*) De fato, em tal época «todos os homens por terem sido de boa vontade para consigo mesmo e seus Irmãos em Humanidade» — como membros que são de uma só e mesma Família, poderão, de fato, pronunciar as tradicionais palavras com que o Anjo (Deva), anunciador da Vinda do Cristo (como Essência divina, qual acontecerá em breve, com o término do ciclo de Pisces e começo do de Aquario) se dirigiu à Maria, ou antes, à «Mãe Divina» de todos os que sabem interpretar tão excelso, quão glorioso Nome.

Para que se possa avaliar o poder imenso do Mental, na realização das cousas desejadas, mais que todas, a da FRATERNIDADE HUMANA, citaremos a fraternal providência tomada pelo, então, Presidente dos Estados Unidos da América do Norte, o sr. Woodrow Wilson, tendo ele pertencido à uma Instituição que, até hoje, coloca o Mental acima de todas as forças. E que tem o nome de «UNITY», em Kansas City — Missouri. A referida providência foi a seguinte: «Ao meio-dia em ponto, todas as atividades eram paralizadas, desde os veículos até os transeuntes, as próprias crianças que se dirigiam para suas escolas. E, durante um minuto de silêncio, todos firmavam seu Pensamento na PAZ. E esta veio, pouco importa como. A idéia, pois, do grande místico indú — Dr. D. V. Ghorale é digna de aceitação por «todos os homens de boa vontade». Não falemos em nossa Instituição, que além de possuir em S. Lourenço um Templo dedicado à PAZ UNIVERSAL, todo aquele que dá ingresso nas suas fileiras, recebe uma evocação mental, onde o termo PAX (no latino, como se sabe, é PAZ, e em sânscrito, «comunhão de Pensamento») é seu «Bija», como acontece com o termo AMEM (equivalente também ao AUM sânscrito), no final de todas as preces. De fato, BIJA, Amem, etc., quer dizer: «Que tal aconteça». Para não citarmos inúmeras realizações de semelhante processo pela S.T.B. posto em prática, basta aquela que vem num outro artigo que fala da excursão de diversos membros de nossas fileiras, à cidade sul-mineira de POUSO ALTO. Cujo caso é o que se deu na última conflagração europeia, quando estando em grave perigo um grupo de soldados comandados pelo então «sargento BELFORT», aconselhou o mesmo a que seus comandados, embora não pertencentes à S.T.B., fizessem aquela mentalização. E tendo depois ordenado, mudança de posição, nem ele nem nenhum dos seus soldados sofreu o menor ferimento. E isto, sob o fogo de inúmeras metralhadoras. Inútil dizer que o Pensamento deve ser impulsionado por aquela «Fé que remove montanhas», pois, de acordo com o merecimento de cada um, «o fenômeno» tanto pode ser imediato, como depois de algum tempo. Donde a frase latina GUTTA CAVAT LAPIDEM, «a gota acaba por cavar (ou furar) a pedra», que o mesmo é dizer: «Água mole em pedra dura tanto dá até que fura». (O autor).

## AOS SENHORES ASSINANTES

*Para que a distribuição de "O LUZEIRO" continue a se processar normalmente, sem qualquer interrupção, pedimos aos senhores assinantes, que renovem em tempo as suas assinaturas, tendo em vista os novos preços para o Brasil e para o Estrangeiro.*

(A administração)



# Pela Frente Única Espiritualista

Em 1912, tendo ido Abdul Baha (Abbas Effendi), em visita à Londres, entrando êle em um templo protestante, da grande metrópole, teve ocasião de assistir à celebração do culto, e logo o mesmo terminado, e também a prédica do Revmo. Campbell, sôbre «O emprêgo da Vontade na Prece», toma êle a palavra «para exortar aos fiéis ali reunidos, à prática do Bem e do Amor, dentro da sua própria religião. Encaminhando-se, depois, para a Bíblia, nela escreveu: «Este é o livro santo de Deus, de celestial inspiração. E' a Bíblia de Salvação, o nobre Evangelho. Nele se acha o Mistério do Reino e sua Luz! E' o dom divino, sinal do governo de Deus».

Este gesto inimitável, emocionou a todos os presentes: um muçulmano no templo de outra religião, falando aos fiéis, da Verdade do Espírito Santo, do Deus da Paz!

De fato, **amor sublime, tolerância e respeito, triade bendita**, digna de ser imitada por aqueles que pregam o Amor e a Paz, entre todos os seres da Terra.

Da sua mensagem ao mundo, consta, no final, o seguinte apêlo: «Agora, mais do que nunca, deveriam os povos — sob o mesmo estandarte humano — não se afastar do preceito: **amar e crer em todos os profetas**. Assim como os cristãos crêem em Moisés, deviam os judeus crêem em Jesus. Do mesmo modo que os maometanos crêem em Cristo e Moisés, deviam os judeus e cristãos crêem em Mahoma. Desse modo desapareceriam tôdas as disputas, unindo-se os homens sob um só e mesmo espiritual **ESTANDARTE**. Abbas Effendi vem com o propósito de unir tôdas as religiões em uma só, levantando o **Estandarte da Unidade, da Honra, da Dignidade Humana**, no centro do mundo! Devemos, agora, rodeá-lo e procurar com o coração e a alma, que respalde a **FRATERNIDADE HUMANA**».

Eis aí o critério teosófico na bôca de um santo, de um Iluminado.

Abbas Effendi, com semelhante gesto, reconhecia a mesma Verdade, por baixo dos vários prismas que os homens lhe deram. Sim, na mesma razão do que está escrito no **Rig-Veda**, como um dos mais antigos livros do mundo: «**Há uma só Verdade, embora que os homens lhe dêem nomes diferentes**».

Diz o filósofo Herder: «As religiões são como as cordas da mesma lira. Cada uma delas tem a sua nota particular, mas, a perfeição da música resulta da união harmoniosa desses diferentes sons».

Sim, porque o **Budismo** prega e cultiva a **RENÚNCIA**, a vitória que devemos alcançar sôbre os nossos

desejos, as nossas paixões ou sentimentos inferiores, o que representando a base de tôda disciplina, é, por sua vez, o caminho para a perfeição, a **Superação**.

O **Bramanismo** exalta a natureza espiritual do homem e da criação. Sômente o Espírito existe e perdura; as coisas materiais não passam de ilusão.

O **Zoroastrismo** é a nota de combate espiritual, que exprime a idéia da eterna luta, do conflito gerador de tôdas as desordens humanas e, por conseguinte, o combate, a luta, o conflito na alma humana.

O **Confucionismo** admira, antes de mais nada, a idéia da ordem e do equilíbrio, procurando levar a humanidade à compreensão, à imitação da calma, da beleza e da ordem infinita da natureza.

O **Judaísmo** representa a idéia da imparcialidade, da justiça sôbre as quais deve estar fundada a sociedade humana.

E o Cristianismo? perguntareis vós.

O **Cristianismo**, digo eu, está no fundo de tôdas essas religiões, como deve estar no fundo do coração de todos os homens, desde que se o conceba de acôrdo com o seu verdadeiro significado: **Iluminação, Conhecimento, Sabedoria Perfeita**, na mesma razão de Budismo, Teosofia, etc.

---

«Não basta pregar a união dos Estados. Mais que tudo, é preciso pregar a união dos Espíritos».

---

O momento não comporta distinções, dogmas, princípios ou votos. Quem crê no Espírito conhece muito bem a sua potencialidade e o quanto pode realizar a sua influência. Manter essa força irresistível dividida, neste instante de angústias, é renegar os postulados basilares do verdadeiro Cristianismo. A **Mente e o Coração** de mãos dadas devem queimar perfumes **na mesma Ara**, a favor de um só e mesmo Ideal, de uma só e mesma Verdade. A Religião do Amor compartilhada entre todos os seres da Terra.

---

Para que o Alvo Estandarte da Paz Universal possa, em breve, ser desfraldado sôbre tôdas as nações do mundo, será preciso, antes de mais nada, que o «slogan» lançado pela **SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA**, se transforme numa realidade, sendo mundialmente aceito:

«**UM SÓ IDIOMA, UM SÓ PADRÃO MONETÁRIO, UMA FRENTE ÚNICA ESPIRITUALISTA**».

# Regulamento Geral e Temario da Sexta Convenção Nacional da Sociedade Teosófica Brasileira, pela Frente Única Espiritualista

Art. 1.º — A VI Convenção Nacional da S.T.B., a reunir-se em fevereiro de 1954, na cidade de São Lourenço, Estado de Minas Gerais, terá por objetivo fundamental debater problemas ligados aos destinos da Humanidade, e estudar a formação de uma FRENTE ÚNICA ESPIRITUALISTA no País, capaz de, pela conjugação de inteligências e de esforços, realizar os grandes ideais da Fraternidade, impulsionar o progresso espiritual do País, defender os valores éticos e culturais do povo brasileiro, as liberdades essenciais aos direitos de consciência e à dignidade da pessoa humana.

Art. 2.º — Da convenção poderão participar, além dos membros da S.T.B. e das suas Sociedades Filiadas, todos os interessados na realização dos objetivos enunciados no artigo anterior, quer individuais ou coletivos, sem distinção de crédos, doutrinas filosóficas, raças ou sexos, desde que não se filiem a correntes ou sistemas que neguem os valores espirituais da vida humana.

§ 1.º — Todos os membros da S.T.B. e das suas Sociedades Filiadas são, automaticamente, considerados membros da Convenção.

§ 2.º — Todas as entidades ou pessoas interessadas na participação dos trabalhos da Convenção, com as ressalvas do presente artigo, poderão inscrever-se, bastando para isto, dirigirem-se por escrito ao Diretor Geral da S.T.B., à rua Buenos Aires, 81, 1.º e 2.º andares, Rio de Janeiro, Brasil.

Art. 3.º — Serão Presidentes de Honra da Convenção, os Dirigentes Supremos da Sociedade Teosófica Brasileira, Sr. Professor Henrique José de Souza, sua exma. esposa, Sra. Helena Jefferson de Souza e o Sr. Prefeito da cidade de São Lourenço.

Art. 4.º — O Presidente da Convenção, assim como três secretários, serão eleitos por maioria de votos dos convencionais.

Parágrafo único — Será eleita, também, pelo plenário, e na forma anterior, uma Comissão de Redação Final das teses aprovadas.

Art. 5.º — É livre a inscrição de teses, desde que se sujeitem ao temário organizado, e que faz parte integrante deste Regulamento. As mesmas deverão ser enviadas, impreterivelmente, até o dia 1.º de fevereiro de 1954, endereçadas ao Diretor Geral da S.T.B.

§ 1.º — Nem todos os membros da Convenção são obrigados à apresentação de teses, sendo-lhes, no entanto, facultado o direito de discuti-las.

§ 2.º — Cada convencional terá o direito de falar, no máximo, sobre cada assunto, durante 10 (dez) minutos.

§ 3.º — Caberá ao Presidente da Convenção a direção dos trabalhos e a solução irrecorrível de todas as questões suscitadas no plenário, alheias aos debates de teses.

§ 4.º — As teses, após debatidas, serão aprovadas por dois terços de votação dos membros presentes.

§ 5.º — Aos secretários incumbe a redação das atas e debates.

Art. 6.º — Ficam implícita e explicitamente proibidas manifestações de caráter político ou de sectarismo religioso, nas discussões do plenário, e as teses que apresentarem temas dessa natureza serão imediatamente eliminadas.

Art. 7.º — As teses, antes de serem apresentadas ao plenário, serão examinadas por uma comissão composta pelos Srs. Diretor Geral, Instrutor Geral e um representante do Supremo Conselho da S.T.B., a qual dará o seu parecer, favorável ou não, à inclusão das mesmas na agenda dos trabalhos.

§ 1.º — A S.T.B. nomeará uma comissão composta de sete membros para relatar e dar parecer sobre as teses que serão apresentadas ao plenário.

§ 2.º — Só o parecer da comissão referida no parágrafo anterior, contendo uma súmula do trabalho relatado, e a sua opinião, poderá ser debatido no plenário, com a participação obrigatória, nos debates, do autor da tese.

Art. 8.º — As teses aprovadas serão publicadas em volume, bem assim os fâstos da Convenção.

Art. 9.º — O Presidente da Convenção é o único intérprete deste Regulamento e resolverá todos os casos omissos.

Rio de Janeiro, outubro de 1953.

## TEMARIO

### GRUPO A — FRENTE ÚNICA ESPIRITUALISTA

- I — Seu objetivo em face da situação atual do Mundo.
- II — Suas conseqüências de ordem nacional e internacional.
- III — Sugestões, planos e definições.

### GRUPO B — A CRISE CONTEMPORANEA

- I — A crise moral, suas causas e efeitos.
- II — A crise espiritual: origens e desenvolvimento.
- III — Sugestões e planos para um reerguimento espiritual da humanidade.

### GRUPO C — ASSISTÊNCIA SOCIAL E CARIDADE

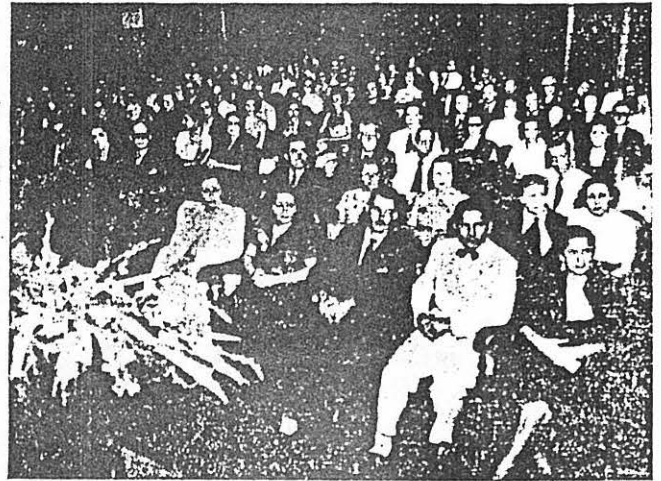
- I — A fraternidade como fonte de elementos de filantropia, de solidariedade e de amor ao próximo.
- II — Características espirituais da assistência social, espiritual e material.
- III — A Caridade, uma virtude, um dever ou uma dádiva?

# FUNDAÇÃO ESPIRITUAL DA S. T. B.

Documentario fotografico das festividades  
levadas a efeito no Rio de Janeiro



Mesa que dirigiu a Sessão Solene do dia 28 de setembro, data da fundação espiritual da S. T. B. Ao centro o Diretor Geral da S. T. B., Dr. Pizarro Loureiro, tendo à sua direita o Vice-Diretor, Eng. Cesar do Rego Monteiro Filho, e à esquerda o Dr. José Marques Gomes (o famoso radiologista Dr. Paulo Roberto). A mesa é completada por outros membros da Ilustre Diretoria.



Parte do seléto auditório que alluiu ao magnífico Salão do Liceu Literario Português, onde se desenvolveu a Sessão ltero-musical comemorativa

## GRUPO D — DESTINOS ESPIRITUAIS DO HOMEM

- I — Os caminhos da religião, da filantropia e da ciência.
- II — O Espiritualismo como fonte de renovação interior do homem.
- III — Valores cristãos e éticos da civilização.

## GRUPO E — FUTURO PRÓXIMO DO MUNDO

- I — Como se regerá a humanidade de amanhã?
- II — Formas filosóficas, educacionais e culturais do futuro, segundo a Eubiose.
- III — As tradições e a marcha das civilizações, como forma pretérita de antecipar as linhas e perspectivas do Mundo do futuro.

## GRUPO F — A MISSÃO DA S. T. B.

(Privativo dos seus Membros e Instituições filiadas)

- I — Provas insofismáveis da sua Missão.
- II — Seu papel em face dos destinos do Brasil, da América e do Mundo.
- III — Spes Messis in Semine:
  - a) da criança; b) pela criança; c) para a criança.

*De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver crescer as injustiças, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto. — Rui Barbosa.*

Se na sua época o grande Rui Barbosa teve ocasião de proferir semelhantes palavras, que diria ele hoje ao ver as nulidades triunfando ainda mais, as injustiças culminando por toda parte, os poderes nas mãos dos maus tão agigantados, que nem as pupilas dilatadas pelas atrópicas confusões deste "Fim de ciclo apodrecido e gasto", poderiam distingui-los uns dos outros... Pior que tudo isso, a *deshonestidade* como arma poderosa para o homem galgar os altos pináculos da glória.

Teósofo que fora — e de nosso Cultural e espiritual Movimento — o grande RUI diria apenas: "Na hora que atravessamos não há como saber selecionar as consciências. Sim, buscando entre os poucos em quem a Inteligência e a moral não cederam lugar à ignorância e à perversão dos sentidos, a SEMENTE DA NOVA RAÇA.

Já o grande escritor patricio, que se chamou Coelho Neto — revoltado contra alguns dos que o cercavam — também proferia: "Não há como passar despercebido no mundo".

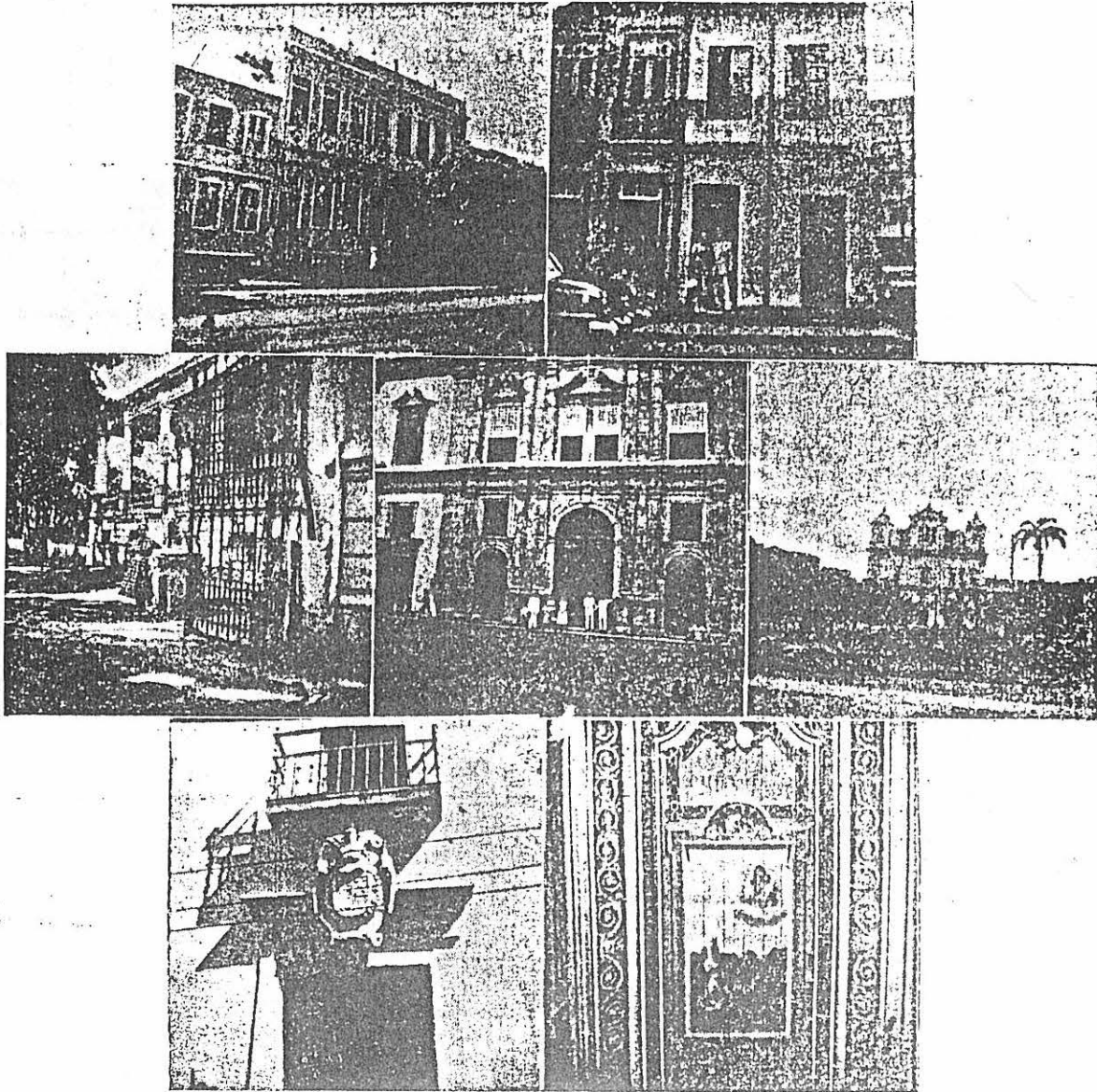
Não se revoltou também contra os homens, o meigo Nazareno, ao dizer: "Corja de vitoras, quando me verei livre de ti?"...

Nós outros, preferimos dizer: Eleva-se o homem na vida e se choca com a família. Se se eleva ainda mais, choca-se com o povo. Se mais ainda, com a Nação. E finalmente, com o mundo inteiro.

Diante de tudo isso, e muito mais ainda, não há que reclamar cousa alguma, "Águia de Haia", pois que a civilização se acha em franco declínio. Nesse caso, melhor será "alçar o vôo" pelas regiões sublimes da Inteligência, em busca da Divina Essência. E isto *Você* o sabe melhor agora do que nos tempos que já se foram... — H. J. Souza.

## Ainda "Relembrando o Passado"

H. J. SOUZA



Completando o artigo publicado em o número anterior deste periódico, com o título acima, temos a grata satisfação de apresentar aos nossos ilustres leitores, algumas das fotografias tiradas pelo casal Com. Paulo Strauss — membro proeminente da S. T. B. — que, viajando da capital paraense, onde até agora residiram, para o Rio de Janeiro, aproveitaram todo o tempo que o transatlântico esteve no porto da capital baiana para visitarem certos lugares daquela cidade, relacionados com a História do Movimento cultural-espiritualista em que a mesma Sociedade se acha empenhada. E isto, com o auxílio do ilustre e querido irmão e Amigo Dr. Jaddo Couto Maciel, da Secretaria da Prefeitura Municipal da referida cidade. Tais fotografias nos foram oferecidas quando da visita que os mesmos nos fizeram, aqui em São Paulo, nos dias 1 e 2 de Novembro do corrente ano, voltando à capital da República no dia seguinte, onde fixaram definitiva residência.

1 — Na primeira casa assinalada por uma flecha, à Rua Dois de Julho n.º 303, residiu a família paterna do autor deste estudo, como Presidente cultural e espiritual da S. T. B. Na mesma — como aconteceu desde o seu nascimento — os mais desconcertantes fenômenos tiveram lugar, inclusive, «as suas maravilhosas curas pela simples imposição das mãos, ou um copo d'água...»

2 — O casal Com. Paulo Strauss e Josefa Maria Strauss na porta da casa onde o mesmo «nasceu»... A fotografia foi tirada pelo Dr. Jaddo Couto Maciel. Pelo que se vê, a casa (já publicada em o número anterior deste periódico) foi um tanto prejudicada na sua antiga largura, mas, «por lei de causalidade» se acha na esquina da rua Teixeira de Freitas, tendo a seu lado direito a praça mandada construir, ultimamente, pela Prefeitura da referida cidade. E onde figura o monumento dedicado ao grande tribuno baiano, que dá nome àquela mesma rua. 3 — A Exma. esposa do Com. Paulo Strauss — Sra Josefa Maria Strauss — pôsa para o fotógrafo —

(CONCLUE NA PAG. 78)

# Mensagem de Natal

TU — que tens tudo — o tudo vão que é nada  
 se tens a alma fechada no egoísmo —  
 no dia de NATAL sê bom! Deixa que invada  
 todo teu ser uma onda de ternura:  
 leva ao lar pobre um pouco de ventura!  
 Sê fraterno também. Afasta-te do abismo,  
 que a alma sepulta em fria indiferença,  
 na geleira fatal do mal e da descrença.

Partilha a tua alegria co'a tristeza  
 daqueles que só têm da vida a maldição,  
 e não sentem do Amor a mágica beleza,  
 pois a dôr lhes constringe o próprio coração...  
 Há escolas no mundo, igrejas e prisões:  
 mas, se o asilo existe — há o abandono  
 do que não tem mais fé nem ilusões:  
 fôlha que varre o vendaval do outôno...

Basta um sorriso, uma palavra, um gesto.  
 para o riso brotar no lábio mesto  
 do desgraçado abandonado e só...  
 Chega o NATAL... Sê TU — o sol, que o pó,  
 com seu beijo de luz, transforma em ouro!  
 Dá de "festas" ao pobre — ao teu IRMÃO —  
 a migalha de Amor do coração!...

Guilly Furtado Bandeira



## A Paz do Senhor

MÁRIO BARRETO FRANÇA

"Deixo-vos minha paz, a minha paz vos dou!  
 Não como o mundo a dá!"  
 (Disse Jesus). No entanto,  
 O homem, desprezando esse legado Santo,  
 Quis firmá-la em convênio e em arma... e fracassou...

A bomba de hidrogênio, a linha Maginot,  
 Bloqueios e sanções — paz firmada no pranto  
 Dos órfãos e das mães — nada resolve, enquanto  
 O mundo desprezar o que Cristo ensinou.

Nenhum bem pode ser imposto a ferro e fogo;  
 O que os homens estão fazendo é o negro jogo,  
 Que no vale da morte incita Satanás...

Só a fé santifica e só o amor constroi;  
 E o verdadeiro santo, e o verdadeiro herói,  
 E' aquele que semeia a Fé, o Amor e a Paz!



## Prece sob o Verde Estandarte

LAZARO LUIZ ZAMENHOF

Ó! Vós, misteriosa e incorpórea Entidade  
 No Mundo infinito reinante;  
 Ó! Vós, fonte imensa de Amor e Verdade,  
 E fonte de Vida constante;  
 Ó! Deus, Sêr que em vão compreender presumimos,  
 Porém que igualmente nas almas sentimos,  
 Criador cujo império nos céus transparece,  
 Ouvi nossa prece!

A Vós não traremos dissídios antigos,  
 Nem dogmas de cegas facções;  
 Cessadas as lutas, aqui, como amigos,  
 Só devem se ouvir corações;  
 Com a crença sincera que à mente nos fala,  
 A crença que a todos os homens iguala,  
 Nós vimos agora, de todos os lares,  
 Aos vossos altares!

Os homens criastes felizes, na Terra,  
 No entanto os divide o rancor;  
 Os povos se agridem ferozes, em guerra,  
 O irmão fere o irmão com furor...  
 Ó! Deus poderoso, Ó! Deus de bondade,  
 Ouvi dos humanos a dor, a ansiedade,  
 Que cessem discórdias e o ódio voraz,  
 E dai-nos a paz!

Em prol da concórdia, juramos, veementes,  
 Unir, para sempre, as nações;  
 Ó! Deus, concedei-nos as forças ardentes  
 Que vencem do mal as paixões;  
 Lançai vossa bênção aos nossos labores;  
 Juntai vossa graça aos nossos fervores,  
 Que em breve o triunfo há de vir, afinal,  
 Ao nosso ideal!

O Verde Estandarte bem alto elevemos  
 Emblema da paz e do bem;  
 As bênçãos e o amparo de Deus nós teremos,  
 E a nossa esperança também;  
 Que por entre os povos a Verde Bandeira,  
 Destruindo dos ódios a forte barreira,  
 Fará que vejamos o Amor mais fecundo  
 Reinando sobre o mundo.

Versão do esperantista Dr. J. B. de Melo e Souza



# Preciosas Lembranças...

H. J. S.

Sim, «preciosas lembranças» as duas fotografias que vão abaixo, com as respectivas legendas, as quais nos foram enviadas pelo ilustre e querido Membro de nossas fileiras — o Vencedor do Concurso «O Grande Caruso» — Sr. João Gibin, como homenagem ao «15 de Setembro». Tendo ele ido em visita à cidade de Benxières-Aux-Dames, à convite de uma colega sua do Scala de Milão, que aí reside, teve ocasião de visitar a cidade onde «nasceu» a vidente Jeanne D'Arc. Na sua carta, João Gibin fala da sua comoção ao chegar àquela dos referidos lugares, estreitamente ligados àquela a quem consideramos — de acôrdo com seu próprio nome, «Jina da Arca ou Agarta» — como são Todos esses privilegiados Sêres, cuja vida se distancia muito (digamos, muitíssimo) da do vulgar dos homens, chamem-se Jeanne D'Arc, Colombo, Cabral, S. Germano, Cagliostro e tantos outros.

Outrossim, João GIBIN, quando dava entrada — em companhia da referida colega e outros que os acompanhavam — na privilegiada «cidade», tendo ouvido, através de um rádio, «os primeiros acôrdes da música de Ari Barroso, intitulada «Brasil», sentiu uma grande vibração em todo seu sêr, como se quizesse ele dizer, que «aquela música lhe fazia sentir muitas saudades da Pátria distante». Se, com qualquer pessoa vulgar o fenômeno acontece, quanto mais com aqueles que já nascem com «alma de artista»! Pela parte que nos toca, quando ouvimos, por exemplo, outra música do mesmo compositor patricio, intitulada «Na Baixa dos Sapateiros», também temos muitas saudades da Bahia, pois, nos faz recordar os belos tempos da mocidade, quando iam cobrar os aluguéis da direita (quem vem da Ladeira do Carmo), pertencentes à nossa Família, além de

por ali termos de passar muitas vezes, em nosso caminho para a Escola e outros afazeres de nossa vida sempre «agitada», que passou a puramente intelectual, desde que chegámos ao Rio em 1914.

E que dizer de um Hino Nacional, ouvido em lugares distantes do BRASIL?

Já dizia o Senhor Gotama: «Luta em primeiro lugar pelos de teu sangue (a Família), e os da tua Raça (a Pátria)»; pois que a Religião era ele mesmo que ensinava tal cousa, querendo provar a lei de Karma, ou de «Causa e Efeito», que a cada um dá a **Patrla** e a **Família**, que lhe compete na vida, segundo as suas próprias **sikhandas** (em sanscrito, o mesmo que «tendências») de vidas anteriores.

Muita razão tinha o grande poeta baiano em dizer:

«Ó que saudades que eu tenho  
Da aurora da minha vida  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais»...

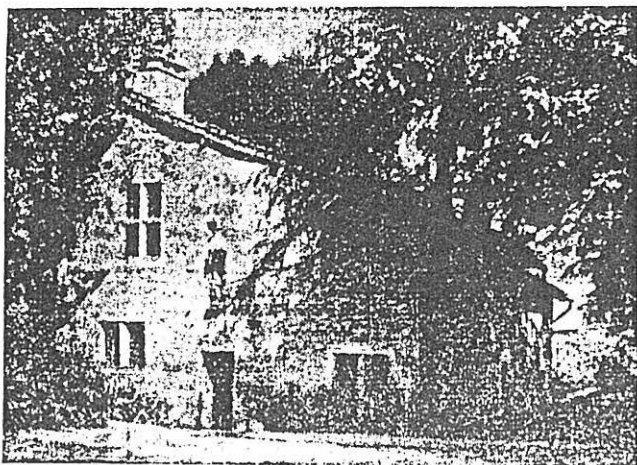
Por tudo isso e muito mais ainda, «obrigado», querido Irmão João Gibin, pelas duas preciosas fotografias em homenagem ao «15 de Setembro de 1953». E, quanto à sua «carreira artística» — que também é **pendor** de outras vidas — desejamos-lhe: *Une bonne chance. Et un retour couvert de gloire, par-ce que «le jour de gloire est arrivé»*. E como já esteja de volta à Itália, isto é, à Milão — onde há um belo palácio que pertenceu a membros de nossa Família (os Manzini) — vai bem o «*piano piano se va lontano*», equivalente, em sentido, ao «*petit a petit l'oiseau fait son nid*», da gloriosa Terra donde acaba de chegar: a FRANÇA. No entanto, não há como dizer, ainda: «*Ritorna vincitore*».

## Alma "Relembrando o Passado"

(CONCLUSÃO DA PAG. 76)

que foi seu próprio esposo — um pouco além do tradicional Portão do Palácio da Aclamação, antiga residência paterna do Dirigente da S.T.B., quando ainda com 5 anos de idade. E mesmo lugar onde «ele teve o coração quasi atravessado por uma das lanças do pequeno «portão», que separava o jardim da chácara da mesma residência... 4 — O mesmo casal, ao lado de outras pessoas, postado em frente (entrada principal) da Igreja de S. Francisco, no Largo do mesmo nome. Foi nesta mesma «Igreja», que, «a cicatriz» do **acidentado**, na residência antes apontada... sangrou pela primeira vez. Ou seja, quando estando ele e seus irmãos, ao lado dos pais, assistindo as comemorações da Semana Santa (o Passo: «Descida da Cruz»), teve lugar, digamos, o fenômeno mais conhecido por «estigma». Sua mãe apavorada com o fenômeno, fez com que seu esposo e os outros filhos voltassem imediatamente para casa, conduzindo o «caçula»... 5 — A Igreja do Salvador (Catedral baiana), vista do mesmo lugar onde

foi tirada a fotografia anterior. Foi no seu «frontespício», conforme se tem dito inúmeras vezes, que os estudantes mais adiantados da Faculdade de Medicina, colocaram o então «calouro Henrique José de Souza». E isto, «no nicho do Salvador». Simples «coincidência», preferimos dizer... 6 — O expressivo **Brazão**, que figura na porta principal da «Casa dos Sete candieiros», hoje considerada «monumento nacional». Teosóficamente falando, «Sete candieiros, Sete chamas, Sete Luzes, equivalente aos Sete Anjos de Presença, Arcanjos, Dhyán-Chohans, etc. 7 — Têto da Igreja da Graça, ornamentado com a «Visão que teve Catarina Paraguaçu com a Virgem Maria». A igreja da Graça é a mais antiga da Cidade do Salvador. Sim, «Sete fotografias», como aqueles mesmos «Sete Anjos de Presença diante do TRONO». Obrigado, queridos Irmãos, Comandante Paulo Strauss e Josefa Maria Strauss, pela preciosa dádiva trazida da CIDADE DO SALVADOR. «Res non verba»...



Lugar onde Jeanne D'Arc «ouviu as vozes do Alto». E, em homenagem à semelhante Lugar, foi erguido esse bellissimo e expressivo Monumento. Mais adiante figuram as estatuas do «Pai e da Mãi» da mesma heroína e mártir... E, perto, a Igreja em cujos muros está escrita tóda a sua História. «Tóda» é termo impróprio, pois que a verdadeira, nenhum «profano» — seja quem fór — a conhece... E a prova está que, a pobre mártir de outróra «era uma embusteira» — como Savonarolle, Jean Huss, Giordano Bruno e tantos outros — para hoje passar por «santa»...

**Honni soit qui mal y pense.**

No mais, depois de semelhante artigo, não há como ouvir — em qualquer parte do mundo onde esteja um Brasileiro — o HINO NACIONAL nas duas linguas, no mesmo artigo citadas: a Francêsa e a Italiana.

Lugar onde «nasceu» Jeanne D'Arc, em DOMRÈMY. «Nas proximidades há um museu onde figuram suas Bandeiras, armas, etc. A cidade de Domrêmy é muito bonita». E tudo isso quem o diz é o mesmo cantor patricio e Membro da S.T.B., nesta sua última missiva a quem estas linhas escreve.

Como se sabe, Jeanne D'Arc foi queimada numa fogueira inquisitorial. E «no momento de expirar, da sua Bôca saiu uma POMBA de alvura imaculada». A Pomba é o «Símbolo do Espírito Santo». Mas também, de ARCA, BARCA ou AGARTHA. Esta mesma — como «Pais Jina», e, consequentemente, sagrado, tendo o nome — nas escrituras ocultistas e teosóficas — de «Laboratório do Espírito Santo»...

Devemos lembrar aquela «Pomba solta por Noé (lido anagramaticamente EON, que, no grego, quer dizer «manifestação divina na Terra»). Foi, pois, para a Agarthá (onde nenhum dilúvio ou outro qualquer cataclisma pode alcançar...) que Noé conduziu seu Povo (termo equivalente ao de «Família espiritual», e não, a consanguínea, como julgam os não-Iniciados em semelhantes Mistérios). E a referida POMBA volta para lá... levando no Bico um ramo de Oliveira. Sic illa ad arcam reversa est. «Assim voltou ela para a Arca» (ou Agarthá). Tomé de SOUZA, quando saltou na Bahia, trazia desfraldada a sua Bandeira, com uma Pomba idêntica, tendo por baixo o referido lema. A Intendência Municipal de Salvador conserva, até hoje, esse mesmo emblema.



# HINO NACIONAL BRASILEIRO (\*)

## VERSÃO ITALIANA



## VERSÃO FRANCÊSA

CARMEN BARBIERI SALA

Henri de Lanteuil, Prof. do Colegio Pedro II

Udiron d'Ipiranga le rive placide,  
D'un popol eroico il grido risonante,  
E il sol de la Libertà, in raggi fulgidi,  
Brillò nel ciel de la Patria in quest'istante.

Si il pegno a tanta egualtà  
Consequimmo conquistar com braccio forte,  
In tuo grempo, o Libertà,  
Sfida il nostro petto la propria morte!  
O Patria amata  
Idolatrata,  
Salve! Salve!

— |||| —

Brasil, un sogno intenso, un raggio vivido  
D'amor e di speranza a' terra scende  
Se in tuo formoso ciel, ridente e limpido,  
La immagin della Croce risplende.

Gigante per tua propria floridezza,  
Sei dolce e forte, impavido colosso,  
E specchia il tuo futuro tanta grandezza.  
Terra adorata  
Tra le altre mil,  
Sei tu, Brasil,  
O Patria amata!  
De figli di questo suol madre gentil,  
Patria amata,  
Brasil!

— |||| —

Posato eternamente in cuna splendida,  
Al suon del mar, a' luce d'un ciel profondo,  
Folgori, O Brasil, gran fior d'America,  
Illuminato al sol del Nuovo Mondo!

Della terra la più favorita.  
I tuoi ridenti e lindi campi han più fiori:  
"I nostri boschi han più vita"  
"La nostra vita" in tuo seno "più amori",  
O Patria amata  
Idolatrata,  
Salve! Salve!

— |||| —

Brasil, di amor eterno sia simbolo  
Il lùbaro che ostenti stellato.  
E dica il verd'oro di questa fiamma

— Pace nel futur e gloria nel passato.  
Ma, s'ergi di giustizia la clava forte,  
Vedrai che un figlio tuo non fugge à lotta  
Nè teme, chi t'adora, la propria morte,  
Terra adorata,  
Tra le altre mil,  
Sei tu, Brasil,  
O Patria amata!  
De figli di questo suol madre gentil,  
Patria amata,  
Brasil!

Lés rives calmes de l'Ypiranga entendirent  
l'appel retentissant d'un peuple héroïque,  
et, dans un éblouissant rayonnement,  
le soleil de la Liberté brilla alors  
au ciel de la Patrie.

Si le gage de cette égalité  
Nous l'avons conquis par la force de nos bras,  
En ton sein, O Liberté,  
Notre courage saura braver mort elle-même,  
O Patrie bien-aimée  
et idolatrée,  
Salut! Salut!

Brésil! Un songe intense, un rayon vivifiant d'amour et  
d'espérance descend sur terre, car au fond de ton ciel splendide,  
souriant et limpide, la Croix du sud respandit.  
Géant de nature! Tu es beau, tu es fort, intrépide colosse  
et ton avenir sera le reflet de ta grandeur...

Tu es, Brésil,  
Terre adorée entre mille autres,  
O Patrie bien-aimée,  
Des enfant de ce sol tu es la mère aimable,  
Patrie, bien-aimée,  
Brésil!

Eternellement couché en un berceau splendide,  
au bruit de l'océan et à la lumière du ciel infini,  
tu rayannes fulgurant, o Brésil, fleuron de l'Amérique,  
illuminé par le soleil du Nouveau-Monde.

Tes riantes et belles compagnes  
ont plus de fleurs que les champs des plus fertiles,  
et plus de vie contiennent tes forêts,  
et en ton sein notre vie plus d'amour...  
O Patrie bien-aimée  
et idolatrée,  
Salut! Salut!

Brésil! Qu'il soit le symbole de l'éternel amour  
ce labarum étoilé que tu déploies,  
et, que le vert-et-jaune de ton pavillon disse:  
"Pous l'avénir: LA PAIX! — Pous le passé: LA GLOIRE!"

Tu es Brésil,  
Terre adorée entre mille autres,  
O Patrie bien-aimée,  
Des enfants de ce sol tu es la mère aimable  
Patrie, bien-aimée,  
Brésil!

(\*) Estas duas versões do Hino Nacional Brasileiro, como as anteriores, representam mais um esforço patriótico do Cel. Arlindo Vianna (A Redação).

IMPRESSO NA  
GRAFICA IMPERADOR  
— GIBIN & CIA. LTDA. —  
Rua das Palmeiras, 262 - S. Paulo